UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio
sobre a produção de sentidos**

TEREZA LAIS MENEGUCCI ZUTIN

SÃO PAULO

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio
sobre a produção de sentidos**

TEREZA LAIS MENEGUCCI ZUTIN

SÃO PAULO

2012

TEREZA LAIS MENEGUCCI ZUTIN

**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a
produção de sentidos**

Tese apresentada ao Programa Interunidades de
Doutoramento de Enfermagem da Escola de Enfermagem
da Universidade de São Paulo e Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem

Linha de Pesquisa: Sociedade, Saúde e Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isilia Aparecida Silva

SÃO PAULO

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Preparada pela Biblioteca do Serviço de Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
da Universidade de São Paulo

Zutin, Tereza Lais Menegucci.

A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a produção de sentidos / Tereza Lais Menegucci Zutin;. -- São Paulo, 2012.

127 f. : il.

Tese (Doutorado)-- Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Isília Aparecida Silva

Área de concentração: Enfermagem.

1. Aleitamento materno. 2. Participação. 3. Pais. 4. Relações Familiares. 5. Construcionismo Social. I. Título.

Nome: ZUTIN, Tereza Lais Menegucci.

Título: A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a produção de sentidos

Tese apresentada ao Programa Interunidades de Doutorado de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Banca Examinadora

Prof^(a). Dr^(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^(a). Dr^(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^(a). Dr^(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^(a). Dr^(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^(a). Dr^(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A Deus-Pai, o mais presente dos pais, presente em
nossas vidas e em todos os momentos.*

A quem devo minha vida e tudo que tenho

*Agradeço – Lhe o dom da maternidade e a bênção
que são meus filhos em minha vida.*

DEDICATÓRIA

À minha Família, em especial: Ao meu filho Rafael que, apesar de ter sido pai na adolescência, teve participação ativa no processo de amamentação de seu filho.

À minha nora Paula Rúbia que, por dois anos e dois meses amamentou o nosso Luiz Caetano, razão da minha vida e reforço na escolha do tema: amamentação e a participação do homem.

Ao meu querido filho Pedro que, mesmo não sendo pai, participou intensamente do processo de amamentação e criação de seu sobrinho.

Ao meu companheiro, esposo, pai e avó, Edinho, sempre presente e participando ativamente do processo de amamentação dos seus filhos e neto.

À minha segunda mãe, minha querida sogra Neuza, pelo amor, cumplicidade e apoio nos momentos difíceis e felizes de minha vida.

À minha mãe (“in memoriam”), razão da minha vida. Todos os dias me perguntava: já terminou seus estudos? Ainda falta muito, filha? Infelizmente, não está presente neste momento, mas tenho certeza que, de onde estiver, estará vendo a chegada final: a grande conquista.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Prof.^a Dr.^a Isilia Aparecida Silva, que com sabedoria, sinceridade e muita paciência, soube me guiar nesta imensa caminhada. Meu muito obrigada, pelo apoio, pelas orientações e principalmente pelos conhecimentos transmitidos, pelo privilegio de conviver e discutir diversas situações relacionadas à amamentação. Enfim, por acreditar em mim.

Deus te Abençoe por tudo que me fizeste.

AGRADECIMENTOS

Aos pais participantes desta pesquisa, pela atenção com que me receberam.

À Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo-USP-SP, pela acolhida e oportunidade de capacitação profissional.

À Universidade de Marília-UNIMAR, nas pessoas dos dirigentes, pelo apoio, empenho institucional e pela liberação para cursar o Doutorado. Em especial ao Pró-reitor de Graduação e a Pró-reitora de Ação Comunitária pelas palavras de incentivo.

À Secretaria Municipal de Higiene e Saúde do Município de Marília, principalmente ao Núcleo de Informática, no fornecimento dos dados.

Ao Hospital e Maternidade Gota de Leite de Marília, pelo apoio e autorização na identificação das mães.

Aos docentes, companheiros(as) de trabalho da Universidade de Marília - UNIMAR, com quem compartilho e aprendo um jeito de olhar a vida. Obrigada pelo apoio nas horas difíceis da tese e da vida.

Às secretárias dos cursos de Enfermagem e Medicina – UNIMAR pela escuta e compreensão, durante esta jornada.

Quero referir-me com destaque:

Às minhas irmãs Vera, Edna e Mari Nice e aos seus companheiros, pela compreensão nos momentos de ausência e pelas palavras de incentivos, por compartilhar a vida com amor e carinho.

Às minhas cunhadas Heloisa, Eliana e aos seus companheiros que, mesmo distante, apoiaram minha decisão. Em especial ao Luiz Carlos que sempre me incentivou e acreditou em mim.

Ao meu cunhado Henrique, pelo carinho.

À Prof.^a Fernanda Paula Cerântola Siqueira, amiga, companheira de trabalho e doutorado, pelas nossas idas e vindas de São Paulo, pela disponibilidade para escutar e pelos valiosos conselhos e sugestões. Não podendo esquecer de seu irmão César, que gentilmente, por várias vezes, me acolheu em sua residência na cidade de São Paulo. Meu muito obrigada.

À Eliana, sempre presente, compartilhando o cotidiano de minha família, obrigada por tudo.

A todos os que tiveram e aos que não tiveram seus nomes citados, mas, que de alguma forma, contribuíram para esta tese se tornar realidade.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai - vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

(Charles Chaplin)

RESUMO

ZUTIN, T. L. M. **A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a produção de sentidos** [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2012.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizando pressupostos teóricos das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano, buscamos descrever o processo de produção de sentidos do homem sobre sua participação no processo de aleitamento materno de seu(s) filho(s). A Associação Feminina de Marília - Maternidade Gota de Leite do município de Marília-SP foi o cenário para identificação dos sujeitos; sete homens, residentes no município de Marília e que atendessem aos critérios de inclusão. Os dados foram registrados e posteriormente organizados, conforme pressupostos teóricos e metodológicos das práticas discursivas. O discurso foi submetido à análise, por meio de mapa de associação de ideias, que possibilitou a identificação de três temas: (1) A posição do homem no processo de amamentação; (2) As ações do homem no processo de amamentação; (3) As relações familiares no processo de amamentação. Os resultados apontaram que o sentido atribuído ao processo de vivenciar o aleitamento do filho está pautado no cotidiano dos homens participantes deste estudo, pela vivência das situações diárias com a mulher e com os filhos, bem como com outros membros da família que, de alguma forma, se insere nesse contexto de sentidos da experiência de amamentação. Embora exista para a maioria dos homens deste estudo um movimento impulsionado pelos sentidos de participação ativa no processo de amamentação do filho, ainda resta, na perspectiva de alguns, uma possível “brecha” de ausência ou distanciamento circunstancial, justificado, por ser interiorizado e naturalizado para esses homens. Ainda, aparece em sua percepção o papel exclusivo de responsabilidade feminina pelos cuidados com os filhos, família e no mais específico do objeto deste estudo, a amamentação. Também, percebemos que o homem se coloca em diferentes posições nesse processo, como pai, companheiro, parceiro conjugal e da mesma forma percebe a mulher em diferentes localizações, seja no relacionamento com ele, seja no contexto privado ou público, assumindo o papel de mãe, de mulher que partilha com ele a construção da família, trabalhadora e sua parceira conjugal. Ainda, a percepção desses homens, em sua maioria, é de que acompanhar o processo de amamentação do(s) filho(s) representa uma experiência marcante, seja pelo significado que a vivência de estar junto da mulher e do filho traz, seja pela necessidade de aprendizado e de superação de dificuldades que possa se apresentar para cada um deles. Portanto a sociedade, que ainda impõe à mulher uma alta carga de responsabilidade de cuidados com a família, também precisa olhar para a experiência dos homens e prepará-los para a paternidade e para a sua participação na construção do ambiente doméstico colaborativo, lugar onde os parceiros possam ter disposição e amparo para exercer não suas obrigações, mas suas posições naturais de forma prazerosa e feliz.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Participação. Pais. Relações familiares. Construcionismo Social.

ABSTRACT

ZUTIN, T. L. M. **The men's position in the breastfeeding process: an essay on the production of meanings** [thesis]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2012.

This research adopted a qualitative approach, using theoretical assumptions of Discursive Practices and Production of Daily Life Meanings; it was tried to describe the process of men's meanings regarding his involvement in the maternal breastfeeding process of his child (children). The "Associação Feminina de Marília – Maternidade Gota de Leite of Marília – SP was the scenery for the identification of subjects, seven men, living in the city of Marília and that met the inclusion criteria. Data were recorded and later organized as theoretical and methodological assumptions of discursive practices. The discourse was analyzed by means of a map of ideas association that led to the identification of three themes: (1) The position of men in the process of breastfeeding; (2) Men's actions in the breastfeeding process and (3) Family relationships in the process of breastfeeding. The results showed that the meaning attributed to the process of experiencing the child's breastfeeding is guided in the daily lives of the men taking part in this study, by experiencing daily life situations with his wife and children, as well as with other members of the family that somehow is inserted in this context of breastfeeding experience. For most men in this study it is noted a movement driven by the active participation in the breastfeeding process of the child; however, in the perspective of others there is still a possible "gap" of absence or circumstantial distance justified by being internalized and naturalized to these men. Besides, in their perception there is the exclusive role of female responsibility regarding the children and family care and more specifically regarding the object of this study: breastfeeding. It was also realized that the men place himself in different positions in this process, as a father, companion, husband and likewise he perceives the woman in different locations: in the couple relationship, in the private or public context, assuming the role of mother, of woman that shares with him the construction of the family, that works and is his wife. The perception of most of these men is that following the breastfeeding process of his child (children) is a remarkable experience due to the meaning of being with the woman and the child or of learning and overcoming difficulties that can be presented to each of them. It was concluded that the society that still imposes on women a high burden of responsibility regarding family care also needs to look at the experience of men and prepare them for parenthood and for participation in a collaborative home environment where partners are willing to engage in their natural positions in a happy and pleasant way.

Keywords: Breastfeeding. Participation. Father's. Family Relations. Social Constructionism.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	16
1.1. Diretrizes Políticas e a Amamentação	17
1.2. O homem no contexto da amamentação	25
2. OBJETIVO	30
3. BASES TEÓRICO – METODOLÓGICAS	31
3.1. Tipo de Estudo	31
3.2. As Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano	31
3.3. Descrição da Pesquisa	36
3.3.1. Cenário da Pesquisa	36
3.3.2. Definindo e fazendo os contatos com os participantes da pesquisa.....	37
3.3.3. Organização e análise dos dados	39
3.3.4. Aspectos éticos da pesquisa	41
4. AS ENTREVISTAS E SEUS CONTEXTOS E ANÁLISES	42
5. COMPREENDENDO OS SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO: UMA POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO SOBRE O TEMA	75
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
7. REFERÊNCIAS	84
8. APÊNDICES	90
9. ANEXOS	
▪ Anexo A	95
▪ Anexo B	96

APRESENTAÇÃO

Ao atuar como enfermeira e docente, minhas atividades profissionais mantêm-se atreladas à saúde da mulher e à saúde pública, desde a conclusão do curso de graduação em enfermagem até os dias atuais. Nesse período de atuação profissional, interessei-me pela compreensão de questões e de fatores que poderiam influenciar o processo do aleitamento materno, devido ao contato com mulheres e, até mesmo, pela própria experiência de amamentar dois filhos.

Nosso interesse pelo tema - participação e percepção do homem sobre seu papel no processo de amamentação - decorre da minha atuação como docente na Universidade de Marília, onde participei de trabalhos educativos com mulheres gestantes e nutrizes. Entrevistando-as, observando suas reações e dialogando com elas, acerca das suas vivências e significado da amamentação, percebi a dimensão que a amamentação assume no cotidiano dessas mulheres e suas repercussões em suas vidas.

Durante as visitas domiciliares e entrevistas realizadas com essas mulheres, foram frequentes os momentos em que elas colocaram em questão o desejo de saber o que os homens pensavam sobre a amamentação, somando-se o fato de que algumas delas chegavam a relatar suas próprias experiências. Entre as questões relatadas, estão dificuldades apontadas no relacionamento sexual com o cônjuge pelo distanciamento dele em função da amamentação e a percepção delas sobre mudanças de comportamento do homem em relação à esposa, por ciúmes do bebê, tendo que dividir as atenções da esposa com o filho pelo fato de a mãe dispensar mais cuidados e atenção com a criança. Muitas externavam também a queixa do marido a respeito do cheiro do leite materno, interpretada pelas mulheres como uma das razões do afastamento físico dos homens, culminando com o distanciamento do companheiro no período do “resguardo”, ou seja, de abstinência sexual, somado ao medo de nova gravidez, entre outras razões.

O destaque dado por essas mulheres, sobre a ausência do homem no processo de aleitamento materno revelava que, muitas vezes, não eram estimuladas pelo parceiro a amamentar o filho em favor da relação conjugal.

Essa justificativa do homem para seu distanciamento no processo de aleitamento materno, recorrente entre as entrevistadas, levou - me a querer compreender melhor a participação do homem nessa prática.

Assim, com base nos pontos abordados, percebeu - se a necessidade de se considerar como se dá a inserção do homem no processo de amamentação, em busca da compreensão da

sua influência junto à nutriz, à família e ao resultado de sua interferência na qualidade e duração do aleitamento materno, apreendendo os elementos de sua vivência como partícipe ou espectador da prática de amamentar o filho.

A compreensão da participação do homem, na fase de aleitamento de seus filhos, é importante para conhecer seu contexto e buscar a aproximação em suas condições concretas de vida para a oferta de suporte e implementação de ações assistenciais que possam contribuir para a manutenção do aleitamento com boa qualidade de vida familiar.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século passado e em meados deste, foram somados quase 30 anos de movimentos sociais e ações governamentais em favor da prática da amamentação, uma vez que se percebe o avanço qualitativo e quantitativo de crianças amamentadas no País.

Muitos são os estudos que enfatizam a necessidade de uma compreensão mais holística do processo de amamentação, incluindo, no repertório das ações de saúde, o entendimento do contexto social em que a mulher, a criança e a família estão inseridas.

Assim, segundo Silva (1997), se considerarmos os aspectos específicos da realidade objetiva desses atores sociais, a potencialidade de sucesso do aleitamento pode ser maior.

Dessa forma, pode ser constatado, por exemplo, pelos temas desenvolvidos em eventos científicos, e mesmo outros eventos, como os de incentivo ao aleitamento, que a abordagem sobre a necessidade da inserção familiar no processo de aleitamento tem sido maior.

Por outro lado, algumas afirmações têm sido mantidas como dogmas indiscutíveis, ainda pouco exploradas justamente por não serem necessariamente negadas, mas por necessitarem de ser melhor compreendidas e valorizadas, a exemplo da influência do homem e a construção de identidade paterna no processo de amamentação.

No âmbito da assistência, ainda não temos claros os indicadores de qualidade de assistência para a nutriz e a família, fato que poderia nos evidenciar a satisfação do atendimento às necessidades dos personagens envolvidos nesse processo. São entre outros, aspectos ainda não explorados o suficiente para oferecer subsídios que nos auxiliem a dar suporte para ações e políticas de incentivo à prática da amamentação, que poderiam ajudar a justificar o panorama que ainda persiste, seja pelo desmame não oportuno, seja pelos índices de Aleitamento Materno Exclusivo - AME, ainda não satisfatórios (Brasil, 2009).

Revendo a literatura, em especial a nacional, percebemos a alta frequência de temas sobre pesquisas que buscam descrever os aspectos epidemiológicos e abordar os conhecimentos da população sobre o processo da amamentação. Nas últimas décadas, em especial, as pesquisas qualitativas trouxeram contribuições importantes para a visão e percepção da nutriz sobre sua experiência de amamentar (Silva, 1997).

No entanto, o conhecimento acumulado a respeito da mulher e sua vivência como nutriz ainda carece de luzes sobre sua experiência, que poderão permitir maior clareza dos conteúdos e continentes desse processo, para que a assistência à mulher seja o mais próximo possível do que realmente ela necessita. Assim será possível proporcionar-lhe a devida

atenção à sua condição de desenvolver a amamentação de seu filho e, também, prestar melhor assistência aos demais membros da família envolvidos nesse processo.

Ainda, na mesma trama do complexo processo de amamentação, é preciso dar espaço para uma discussão mais aprofundada sobre o papel que o homem desempenha nesse processo, seja na perspectiva de compreender sua influência junto à nutriz e à família, podendo interferir na qualidade e duração do aleitamento materno, seja na perspectiva de apreender os elementos significativos de sua vivência como partícipe ou expectador dessa prática.

Uma das pesquisas desenvolvidas em nosso grupo, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aleitamento Materno - Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo - NEPAL - EEUSP/SP, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, aponta mulheres que contaram com o apoio do marido ou do parceiro, durante o processo de amamentação. Há referência sobre melhor percepção de qualidade de vida entre as que tiveram o apoio de familiares e amigos, porém, o apoio do parceiro foi o mais significativo para se sentirem motivadas e estimuladas a amamentar (Müller, Silva, 2009; Aragaki, Silva, 2011).

Segundo Pontes *et al.* (2008), a prática da amamentação deve centralizar-se na conjugalidade e completude de todos os membros da família envolvendo, dessa forma, o homem no processo de amamentação.

Sendo assim, faz-se oportuna a realização da investigação quanto à participação do homem no processo de amamentação, sendo que há a expectativa de que suas ações e atitudes influenciam, de certa maneira, as decisões maternas, funcionando como um fator de promoção e proteção ao aleitamento materno natural.

1.1. Diretrizes Políticas e a Amamentação

No Brasil, na década de 1920, com a reforma Carlos Chagas, ocorre a institucionalização da proteção de saúde materno-infantil, desenvolvendo-se em períodos subsequentes por força dos dispositivos legais e programáticos (Tyrrell, Carvalho, 1995).

Em 1940, foi criado o primeiro órgão governamental denominado Departamento Nacional da Criança - DNCR, cujas ações eram voltadas exclusivamente para o cuidado da saúde materno-infantil. O objetivo era integrar os planos e as atividades de proteção à maternidade, à infância e à adolescência, por meio dos programas de saúde pública em geral. O DNCR associou seu projeto educativo à puericultura, enfatizando não só os cuidados com

as crianças, mas também com as mães, no que se referia à gravidez e amamentação (Tyrrell, Carvalho, 1995).

Segundo Nagahama e Santiago (2005), a partir do Estado Novo, a proteção à maternidade e à infância, como assunto de saúde pública, passaram a obedecer às políticas inseridas no modelo centralizador, que era condensado primeiramente nas ações de puericultura, voltado para as populações urbanas mais carentes. Havia, para a época, toda uma questão política, econômica e social que, por trás do interesse de poupar essas vidas, detinha o objetivo principal de garantir braços fortes e, conseqüentemente, aumento da força de trabalho para a nação. Entretanto, em 1969, o DNCR foi extinto, sem a criação de outro órgão que respondesse ao mesmo teor de indução política, voltada para o segmento infantil, naquela época.

Na década de 1970, com o fim do milagre econômico, a piora das condições de vida se fez presente, tal qual na queda no salário real e conseqüente aumento na taxa de mortalidade infantil, que era de 118 para 181 por mil nascidos vivos com menos de cinco anos. Em São Paulo, de cada mil crianças nascidas vivas, morriam 83, antes de completar o primeiro ano de vida (Brasil, 1974).

Naquela época, as ações políticas governamentais na área materno-infantil eram realizadas pelo Instituto Nacional de Assistência e Previdência Social - INAMPS, com forte ênfase no modelo assistencial curativo e hospitalocêntrico.

Ainda, na década de 1970, os programas de saúde materno-infantil foram amplamente utilizados nos serviços de Saúde Pública, como resposta do governo a alguns problemas sanitários selecionados como prioritários. Tais programas foram construídos em contextos históricos diferentes, sendo que o Programa Materno Infantil - PMI nasceu em pleno regime militar. Isso justifica que sua implantação tenha se dado com o conjunto das políticas de extensão e cobertura daquela época, enquanto que o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM foi discutido e implantado no período de transição democrática do País, conseqüência das reivindicações e negociações entre movimentos de mulheres com participantes da área de saúde, sanitaristas, sociólogos e psicólogos (Osis, 1994).

Para compreendermos algumas características observadas nos processos de trabalho organizados para a assistência à mulher, nas unidades básicas, nesses momentos históricos, são importantes algumas demarcações.

Num primeiro momento, os serviços se organizam fundamentados no PMI, período compreendido a partir da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980,

(Brasil, 1975). Em um segundo momento, os serviços se expandem por meio de programas das ações básicas da saúde, ajustando-se com atenção médica individual, uma vez que o PAISM seria orientado com base na concepção da integralidade da assistência à mulher.

No Programa Materno Infantil - PMI, o aleitamento materno era abordado superficialmente e, em casos de insuficiência do leite materno, era recomendada a distribuição do leite em pó. Isso não só denotava falta de conhecimento para lidar com dificuldades do processo de lactação e amamentação, mas, também, espelhava uma concepção política e social sobre a prática da amamentação e da expansão econômica com a comercialização de produtos para alimentação de lactentes, naquele período. A institucionalização e medicalização desses cuidados resultavam da colaboração de profissionais da saúde, particularmente médicos e enfermeiras, para o desmame precoce. Segundo Orlandi (1985), os profissionais de saúde não desconheciam os atributos e supremacia do leite humano, mas estimulavam o aleitamento artificial por contingentes contextuais da época.

Os fatos acima citados reforçam os resultados do estudo realizado em 1981, nas áreas metropolitanas de São Paulo e Recife, revelando aos pesquisadores que a duração média de amamentação encontrava-se em torno de 2,4 a 2,8 meses, permitindo-lhes estimar que, em cerca de seis anos, quase nada havia mudado (Berquó *et al.*, 1984). Os pediatras não estimulavam o aleitamento, escolas médicas eram permeadas pelas indústrias de fórmulas infantis junto a professores e acadêmicos, que orientavam a introdução precoce de outros alimentos na dieta das crianças, e, com base nos Programas de Suplementação Alimentar, o governo distribuía gratuitamente o leite em pó para crianças, desde seu nascimento.

Tais fatos contribuíram para os altos índices de desmame precoce e mortalidade infantil no Brasil, como mostra os estudos de Monteiro *et al.* (1990), os quais concluíram que a diminuição da mortalidade infantil, atribuível a um programa de aleitamento materno implantado no município de São Paulo, havia sido de 22% para os casos de mortes por infecção respiratória e de 32% por diarreia. Para Victora *et al.* (1987), o risco de morte por diarreia em crianças desmamadas era 14,2 vezes maior do que o de crianças em aleitamento materno sem suplemento lácteo. O risco de óbito por doenças respiratórias, portanto, era 3,6 vezes maior.

Para tentar reverter a situação, surge a necessidade de se reforçar ou atualizar as campanhas em prol do aleitamento materno, tanto por parte dos governos, como das organizações não governamentais (Silva, 1999).

As campanhas realizadas pelo governo aconteceram a partir de 1970, sendo oficializadas somente em meados de 1981, com o Programa Nacional de Incentivo ao

Aleitamento Materno - PNIAM, que propunha estimular o aleitamento materno mediante promoção de sua valorização social, difusão de conhecimentos sobre práticas de amamentação e orientação às instituições prestadoras de serviços de saúde na assistência à nutriz (Silva, 1999). Visava-se, também, à reversão do quadro de desmame precoce por meio de treinamento intensivo para profissionais de saúde, elaboração de material educativo para profissionais de saúde e mães, incentivo de ações educativas no pré-natal, parto e puerpério. O Ministério da Saúde, nesse momento, passa a recomendar a adoção do sistema de alojamento conjunto e a criação de Banco de Leite Humano - BLH nas maternidades (Brasil, 1988).

Destaca-se a criação dos bancos de leite humano, que formam não só uma rede de serviços, mas, do ponto de vista do conceito de atendimento, expandem sua ação para o espaço de incentivo e promoção ao aleitamento materno, iniciativa que continua sendo implementada em outros países, seguindo o modelo brasileiro, que hoje conta com 209 Bancos de Leite Humano e 106 Postos de Coleta em funcionamento, sendo a maior rede no mundo (Fundação Oswaldo Cruz, 2012).

Inserindo-se no contexto das mudanças ocorridas nas políticas de saúde na década de 1980, decorrentes dos intensos debates que vinham se realizando desde 1970, sobre universalidade e integralidade da saúde, no âmbito do Movimento Sanitário, o PAISM foi implantado, expressando de maneira pragmática a aplicação desses princípios, com ênfase nas Ações Integradas de Saúde - AIS. O princípio do movimento que concretiza sua elaboração, também está implícito os conceitos que levaram aos princípios sobre o direito à saúde, incluídos na Constituição de 1988, inclusive a garantia de que o Sistema Único de Saúde-SUS seria implantado (Nepp, 1989; Jacobi, 1989; Teixeira, Mendonça, 1989).

Sem dúvida, o PAISM constitui-se um marco, especialmente pelo fato de ter exposto de forma enfática a discussão sobre o conceito de saúde para a mulher, em que se percebia a contradição entre o entendimento de saúde integral da mulher e os objetivos do Programa, pois, ainda persistia a visão de que a mulher se define pela sua capacidade de reprodução. A exclusão do homem no Programa, não percebida em toda trajetória das ações de saúde materna e infantil, nesse período, envolveria, também, a noção de que só a mulher era responsável pela reprodução e pela saúde da prole (Canesqui, 1984; Osis, 1994).

Assim, no entender dos especialistas da época, o PAISM era voltado exclusivamente para situações relacionadas à atividade sexual, gravidez, parto, puerpério e contracepção. Apreende-se também, que a exclusão do homem, significava que os princípios de integralidade e universalidade do Programa não eram atingidos.

Ao refletir sobre esse Programa, sua evolução e realidade que temos hoje, em nossos serviços de saúde, é importante levar em consideração o contexto geral da política de saúde no qual o sistema como um todo se insere. O Sistema Único de Saúde - SUS tem, entre seus princípios e diretrizes, a universalidade, a integralidade da assistência, a participação, a utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades e a descentralização das ações, com ênfase na municipalização e hierarquização da rede de serviços de saúde (Brasil, 1993).

Assim, avançar no apoio à amamentação implica a definição de uma política, seja em nível federal, estadual ou municipal, que possa transformar o conceito de apoio às mulheres, já praticado em muitas situações por profissionais de saúde envolvidos em ações acessíveis a todas as mulheres, oferecendo-lhes igual oportunidade de receber a informação, a orientação e o apoio de que necessitam para amamentar.

A definição da amamentação como uma prioridade de saúde implica a adoção, por parte dos gestores, de estratégias para a organização da assistência, alocação de recursos e capacitação de recursos humanos para atingir metas de transformação e melhorias na assistência.

A exemplo, a implantação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança - IHAC, adotada desde 1991, tem sido uma base importante para promover a tão esperada mudança das práticas hospitalares para melhor atuação dos profissionais no manejo da amamentação e incentivo, promoção e apoio ao aleitamento. Por meio da recomendação dos Dez passos para o sucesso do aleitamento materno, propõe-se, em essência, uma verdadeira transformação na rotina das maternidades e uma profunda reflexão sobre o modelo adotado até então (Venâncio, 2003).

Os hospitais, uma vez qualificados, passam a ser vistos como referência em aleitamento materno e em atendimento humanizado ao recém-nascido em nível local ou regional. Entretanto, ainda mais uma vez, a presença ou participação do homem neste contexto está fragilizada ou quase não é considerada, visto a inconstância de ações que buscam oferecer reais condições de aproximação paterna enquanto mãe e filho estão sob assistência hospitalar.

Outra iniciativa importante foi o lançamento da 3.^a edição de Assistência Pré-natal - Normas e Manuais, pelo Ministério de Saúde, em 1998, trazendo conteúdos relacionados à organização dos serviços de saúde na assistência ao pré-natal, calendário de consultas no qual define o número de consultas por gestante, padronização de procedimentos e condutas, exames laboratoriais na assistência ao pré-natal e condutas, vacinação antitetânica, educação

em saúde. Em relação aos manuais anteriores, observa-se como destaque o item referente ao preparo da mulher para o parto e nascimento humanizado (Brasil, 1998).

Nesse manual, o conceito de humanização da assistência ao parto é definido como: “a relação de respeito que os profissionais de saúde estabelecem com as mulheres, durante o processo de parturição, e a humanização do nascimento, o que por sua vez, compreende todos os esforços para evitar condutas intempestivas e agressivas para o bebê” (Brasil 1998, p.47-48).

Outro aspecto, dentro desse conceito de humanização, era oferecer apoio e espaço para um acompanhante à escolha da parturiente. A edição é relançada em 2000, apresentando basicamente os mesmos conteúdos, porém, com leve enfoque quanto à importância da participação do parceiro nas consultas de pré-natal e no processo de aprendizagem em que as gestantes constituem o foco principal, atuando também com os familiares e parceiros. Pela primeira vez é valorizada a participação do homem nesse contexto (Brasil, 2000).

Sabemos que a posição do homem na sociedade está mudando tanto quanto os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, assim, é necessário que gestores e profissionais, aqui se tratando do setor saúde, estejam abertos para as mudanças e cumpram de maneira mais ampla o seu papel de educador e promotor da saúde, incluindo os homens no contexto reprodutivo, dando-lhe a condição de refletir sobre sua saúde e sobre seu papel na saúde da mulher e de seus filhos (Brasil, 2000).

Se considerarmos a perspectiva atual da inclusão mínima do homem no círculo de ação para a saúde materna e infantil, é possível compreender, por que, mesmo com a adoção de inúmeras estratégias de incentivo, promoção e apoio, as medianas de duração de aleitamento materno exclusivo e a prevalência de aleitamento materno, no Brasil, continuam insatisfatórias (Brasil, 2001; Brasil, 2003; Brasil, 2009). Segundo Venâncio *et al.* (2010) em pesquisa realizada nas capitais e Distrito Federal, foi possível conhecer e analisar a situação atual da amamentação no Brasil. Nessa pesquisa, concluiu-se que, na última década, houve uma melhora nos índices de amamentação no Brasil, porém ainda tais índices não são compatíveis com o estipulado pela Organização Mundial de Saúde - OMS.

A intensa ocupação materna no atendimento prioritário da criança, o desdobramento no desempenho de diferentes papéis sociais, o esforço de manter jornadas diferentes de atividades intra e extra-lar, a superação de desconfortos da lactação e amamentação, além de inúmeras outras situações da vida da nutriz, causam sentimentos de conflito e sofrimentos diversos que nem sempre resultam em sucesso na amamentação (Almeida, 1999; Nakano, 2003; Silva, 2005; Shimoda, Silva, 2010; Aragaki, Silva, 2011).

As diferentes necessidades apresentadas pelas mulheres, de ordem estrutural, afetiva, social, e demais dimensões, não são plenamente atendidas, e, possivelmente, não exploradas devidamente (Müller, Silva, 2009). A assistência à nutriz, nos modelos atuais, deixa pouco espaço ou mínima oportunidade para a identificação de lacunas que possam mostrar as reais necessidades dessas mulheres e de seus parceiros, que são ainda menos privilegiados nessa perspectiva de atendimento.

Embora estudos mais recentes apontem para uma reformulação do paradigma que sustenta ações de incentivo, promoção e apoio ao aleitamento, alertando para a importância do atendimento à mulher, nesse processo, e a necessidade da inserção do seu companheiro nos programas de saúde reprodutiva, constata-se que a sociedade não exime a figura materna de sua responsabilidade de amamentar, contudo, mantém ainda a figura paterna distanciada desse processo.

Segundo Avery e Magnus (2011), os conhecimentos, comportamentos, vivências e sentimentos que envolvem a participação do pai no processo de amamentação são decorrentes da socialização do homem e da mulher, centrados no corpo biológico, em que o amamentar pertence à mulher enquanto os homens expressam empatia pela gravidez de suas parceiras, porém, reprovam o aleitamento materno em público.

Contudo, ainda vemos que o principal elemento de ajuda para essas mulheres é o apoio dos familiares e de amigos que buscam incentivar o aleitamento e valorizar a ação da mulher, apesar das dificuldades encontradas por elas. Isso significa ter de “contar com todos”, para que haja um conjunto de esforços que as auxilie a mãe e o bebê, seja no ambiente doméstico ou fora dele, para o êxito da amamentação (Silva, Utiyama, 2003; Silva, 2005).

As ações que congregam os esforços de promoção, de incentivo e de apoio ao aleitamento materno, parecem não ter acompanhado passo a passo os progressos relativos à produção de conhecimento sobre a vivência da mulher ao amamentar, denotando uma larga distância entre os conceitos desenvolvidos e a prática clínica. A abordagem centrada na mulher e em suas experiências ainda permanece como constructo teórico pouco ou nada apreendido pelos profissionais em sua prática, nem pelos gestores de políticas públicas e, apesar do esforço de agregar o parceiro, esse também ainda não encontra um efetivo espaço para sua vivência no processo de amamentação de seus filhos, que seja reconhecido pela sociedade.

As diferentes dimensões do ser mulher, que demandam atendimento, extrapolam as poucas iniciativas de assistência integral à nutriz, as quais têm tão somente reproduzido o discurso de valorização da subjetividade feminina sem, no entanto, apontar para indicadores

objetivos, tanto numéricos como qualitativos, das necessidades de mulheres e homens de suas vivências no cotidiano do processo de amamentação.

De acordo com Galastro (2005), profissionais de saúde fazem reflexões sobre o lugar do homem na instituição de saúde e dedicam-se ao processo de transformação que as instituições vêm sofrendo para incorporar o homem nesse sistema. A autora afirma que as dificuldades encontradas para inserção do homem ao serviço de saúde reprodutiva não se dá devido às resistências dos profissionais e sim pelas carências institucionais do ponto de vista estrutural e econômico, apontando para existência de conflitos entre valores tradicionais culturalmente estruturados e os inovadores, que envolvem a participação masculina no serviço de saúde.

Diante do exposto, verifica-se que a inserção da figura do homem é recente no contexto dos Programas Nacionais de Saúde voltados para a sua participação na saúde da criança e da mulher. No entanto, percebe-se que a influência do homem sobre o aleitamento materno geralmente é subestimada, tanto que, normalmente, não participa nem de consultas de pré-natal, trabalhos em grupos e outras ações ligadas à assistência em amamentação, que refletem, também, na escassez de literatura sobre o assunto.

No final do último século, Serafim (1999) já relatava a pouca participação do homem durante o acompanhamento da gestação nos serviços de saúde e nos programas para incentivo e apoio ao aleitamento materno, em que devem estar incluídas ações específicas para o homem, o que poderá contribuir para uma melhoria dos hábitos alimentares de recém-nascidos e lactentes.

Após uma década, Paula *et al.* (2010) afirmam que, apesar de o pai demonstrar interesse e disposição em ajudar à mulher no processo de aleitamento, estudos apontam que, na prática, os pais poucos participam dessa trajetória. Isso demonstra a falta de integração do pai durante a gestação em que está incluído o processo de amamentação. Acrescenta-se, ainda, que muitos não apresentam conhecimento adequado acerca do aleitamento materno, devido à ausência de orientações durante o pré-natal.

Vale lembrar que muitos resultados encontrados em pesquisas são evidências da necessidade de maior envolvimento do homem no processo de amamentação, devendo ser compreendidas as reais necessidades dessas mulheres e de seus parceiros, como também as razões que levam os homens ao pouco envolvimento nesse processo.

Para tanto, é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas que ampliem o campo de discussões sobre a temática amamentação sob a ótica do homem, buscando compreender a significação contida na experiência de vivenciar o processo de amamentação. Elas poderão

subsidiar os serviços e profissionais de saúde a compreenderem o homem também como cuidador, abrindo caminho para um processo de construção de um novo paradigma referente ao manejo do aleitamento materno.

1.2. O homem no contexto da amamentação

Percebe-se que a amamentação não se esgota apenas em fatos biológicos ou medidas que garantam proximidade materna ao nascimento ou mesmo durante o período em que a criança deveria estar sendo amamentada. Em estudo realizado com mulheres trabalhadoras de uma Universidade Pública, foi constatado que elas tinham usufruído pelo menos de quatro a seis meses de licença maternidade e férias, não necessariamente amamentavam durante esse período. Pelo menos 40% já haviam desmamado seus filhos antes de três meses (Silva, Utiyama, 2003). Esse fato pode ser compreendido quando se considera que a prática da amamentação abrange dimensões construídas cultural, social e historicamente (Silva, 1990).

Em vista disso, acredita-se poder “compreender por que a amamentação apresenta aspectos flutuantes alterando-se com a evolução histórica da humanidade” (Silva, 1997, p.18).

Se o aleitamento fosse um ato natural, permaneceria imutável nos sujeitos e sua prática teria uma frequência e qualidade, em termos de tipo e duração não variável, ao contrário do que vem apresentando ao longo da história da humanidade (Silva, 1990).

Esses aspectos demoraram a ser considerados pelos profissionais, especialmente no que concerne aos elementos contextuais e subjetivos interferentes na atitude materna em relação ao aleitamento. Segundo Nakano e Mamede (1999), os discursos técnicos e acadêmicos, ainda na década de 1990, que apoiavam nos Programas de Incentivos ao Aleitamento Materno e enfocavam especialmente o atendimento às crianças, não observavam as especificidades das mulheres. As autoras, bem como outros estudiosos da época, já assinalavam que tais discursos tinham de ser redirecionados para que respostas dadas às mulheres fossem mais reais na prática do aleitamento.

Silva (1997) também argumentava, ainda naquela década, que a instrumentalização da mulher quanto às habilidades técnicas e conhecimentos sobre aleitamento não deveria ser abandonada, mas sim ser vista como instrumento auxiliar na assistência. Para isso, dever-se-ia ter uma nova leitura da mulher e seu filho no contexto social e familiar, a fim de se reestruturar o discurso e as ações voltadas para a questão da amamentação.

Assim, um aspecto a considerar reside no fato de que a amamentação, embora considerada uma prática essencialmente materna, sofre inúmeras interferências do contexto

em que mulher e lactente estão inseridos. Ainda, a participação dos familiares, e, em especial, do pai da criança nesse processo, não tem sido devidamente explorada e considerada para incorporação na assistência e no manejo do aleitamento materno (Silva, 2001).

Assim, surge a pergunta, e para o homem? Como se dá essa experiência? Sendo recente sua efetiva participação no processo de saúde reprodutiva, no que concerne ao seu papel de apoiar e incentivar a nutriz, também se atribui responsabilidades a ele que não sabemos ao certo quanto lhe é possível sustentar.

É interessante expor o pensamento de Lehr (1985), que discute três esferas temáticas: “o desenvolvimento do recém-nascido e sua influência na mãe”; “o desenvolvimento da mãe e sua influência no recém-nascido” e “o significado do homem para o desenvolvimento do recém-nascido”, o que nos remete para o interesse em ampliar o estudo do papel dos agentes da amamentação, tendo o homem como um dos atores importantes nesse processo.

Estudo desenvolvido em nosso grupo de pesquisa sobre a sexualidade feminina, durante o processo de amamentação, mostrou que a mulher vivencia esta experiência “dividindo-se entre ser mãe e mulher”. Esse conceito aponta para a importância que o cuidado com o filho assume para a mulher, porém, destaca que a relação conjugal não é menos importante, exigindo muitas vezes que a mulher se multiplique para o atendimento aos membros da família, em especial nas dimensões emocionais e sentimentais, tendo o homem um dos papéis mais importantes neste ciclo das relações (Abuchaim, Silva, 2006).

É necessário considerar que os homens podem exercer forte influência sobre a decisão de as mulheres aleitarem os filhos (Dick *et al.*, 2002), por meio de uma atitude moralizadora e imperativa ou ao procurar exercer controle sobre elas para assegurar que preencham os requisitos necessários ao sucesso na amamentação (Nakano, 1996).

Osis *et al.* (2004), em seu estudo com mulheres trabalhadoras, observaram que elas acreditavam que seus companheiros, em geral, as apoiavam e as estimulavam a amamentar. Entretanto, mesmo sabendo que os companheiros tinham atitudes positivas diante da amamentação, sentiam-se abandonadas por eles, solitárias ao amamentar, principalmente nas madrugadas.

Observa-se, muitas vezes, por essa queixa das mulheres que, embora não esteja necessariamente determinado por dificuldades de relacionamento entre o casal, o apoio do homem à mulher é uma importante estratégia de estabilização familiar, como também, de êxito ou fracasso da lactação. Assim, reconhecendo a importância da participação masculina no processo de aleitamento materno, muitas são as questões que podem ser feitas sobre suas

ações e sentimentos, entre elas as que se referem às prováveis interferências da prática da amamentação no relacionamento conjugal.

Já Falceto *et al.* (2004) não encontraram associação direta entre um bom relacionamento do casal e a manutenção do aleitamento materno, embora tenham observado que, entre os que mantinham um bom relacionamento, o homem dava mais apoio para a amamentação e envolvia-se mais com os cuidados da criança.

Por outro lado, Littman *et al.* (1994) em seu estudo encontraram relação entre atitude paterna e índices de amamentação. Cerca de 98,1% das crianças eram amamentadas, quando os homens aprovavam a amamentação, enquanto apenas 26,9% eram amamentadas quando eles eram indiferentes.

Silveira e Lamounier (2006) afirmam que o risco de interrupção no processo de aleitamento materno nas crianças que não residem com o pai biológico é 1,47 vezes maior em relação às que residem com o pai biológico, associação também encontrada por (Littman *et al.*, 1994).

Dessa forma, não se pode isolar o homem em seu papel de provedor sem inseri-lo na dinâmica cotidiana do processo de amamentação, não só no ambiente doméstico, mas também no atendimento aos serviços de saúde.

Galastro (2005) afirma que programas de atenção à saúde, anteriormente, eram desenvolvidos prioritariamente voltados ao período reprodutivo da mulher, como aplicação de métodos contraceptivos, atenção ao ciclo gravídico e puerperal, aborto, dentre outros, atualmente está requisitando a participação do homem e isso se deve ao avanço teórico conceitual das bases de compreensão sobre a saúde reprodutiva que ocorreram nos últimos anos.

A importância de estimular os homens a partilharem, em igualdade de condições, do cuidado com os filhos e dos trabalhos domésticos foi uma das recomendações anunciadas no relatório da VI Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, na China, em razão de se considerar a participação do homem fundamental para modificar os indicadores desfavoráveis da saúde da mulher (Galastro, 2005).

Como já referido anteriormente, a figura masculina também tem sido considerada importante para promover melhores resultados nos índices de aleitamento materno. Apesar disso, é preciso salientar que, no início da amamentação, assim como para a mulher, também para o homem há ansiedade, medo de não saber como e o que fazer para atender às necessidades do bebê e as inúmeras dúvidas que podem ser negativas para o casal (Castelain-Meunier, 1993).

Deve-se ressaltar que mínima ou nenhuma atenção tem sido dada à sexualidade do homem nesse período, bem como à sua participação e percepção sobre o processo de amamentação que está sendo desenvolvido entre seu filho e parceira (Abuchaim, Silva, 2006).

Nas últimas duas décadas, a “participação” masculina nas diversas etapas do processo reprodutivo tem recebido grande ênfase, razão pela qual se multiplicaram estudos com enfoque sobre os homens no contexto da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos (Mundigo, 1995; Badiani, Camarano, 1998; Duarte *et al.*, 2003; Pantelides, López, 2005), porém, estudos específicos sobre a participação do homem no processo de amamentação de seus filhos ainda são incipientes.

Assim, embora a participação do homem no processo de amamentação venha ganhando papel de destaque, ainda pouco se sabe sobre como ele vivencia o processo de aleitamento materno do seu filho e quais as suas necessidades e demandas para que ele possa contribuir com o processo, vivenciando-o também de forma positiva.

Estudo realizado com homens da cidade de São Paulo (SP), pais de crianças com idade entre um e doze meses, que estavam sendo ou haviam sido amamentadas no peito, mostrou que eles reconheciam a importância da amamentação natural, porém sentiam falta de maior orientação acerca do assunto e de como participar mais ativamente do processo de aleitamento (Serafim, 1999).

Na prática assistencial, junto à mulher e seu filho, em processo de amamentação, observa-se que a presença paterna é tímida e, muitas vezes, praticamente se restringe ao acompanhamento da mulher a consultas. Embora campanhas governamentais tenham apontado para a importância da participação paterna no aleitamento materno, não percebemos um trabalho efetivo de inserção de métodos ou estratégias de abordagem com os homens nos programas oficiais de Incentivo à Amamentação, que seja significativa. Essa realidade conflita com alguns resultados de pesquisa que apontam para a importância da participação do homem nesse processo, apoiando a nutriz, datados ainda no início deste século (Silva, 2001; Nakano, 2003). Na prática cotidiana dos serviços de saúde não se percebe a atenção para a visão do homem sobre esse processo e como ele o vivencia, para que se possam inserir, no conjunto das ações relativas ao manejo da amamentação, conteúdos que embasem a assistência mais abrangente, envolvendo a criança, a nutriz e seu parceiro.

Assim, é bem vinda a preocupação de promover a maior participação do homem no serviço de saúde, uma vez que isso corresponde à incorporação “de um dos princípios do SUS que é o da integralidade das ações” (Galastro, Fonseca, 2007, p.459). Esse princípio percebe o ser humano numa esfera holística, que solicita dos profissionais de saúde nova concepção de

saúde, ampliação e compreensão do processo saúde-doença que ultrapasse o modelo biológico, ou melhor, rompe com velhos paradigmas e adota um novo paradigma, visando à integralidade do cuidado e à qualidade da assistência ao que, também, envolve a figura masculina (Galastro, Fonseca, 2007).

Ainda, considerando a construção social que se dá em relação aos papéis desempenhados pelo homem na cultura ocidental, a visão de como ele constrói sua vivência, interpreta seu papel junto à mulher e ao seu filho, e atribui o sentido de sua inserção nesse universo, na fase de amamentação da criança, é necessário para a projeção de práticas assistenciais que inclua as demandas masculinas no cotidiano de atendimento à saúde integral dos membros de uma família.

Assim, diante da problemática que se apresenta, este estudo vislumbra a possibilidade de contribuir para que os argumentos a favor da amamentação que têm sido utilizados, no que concerne à sua grande contribuição na necessária inserção paterna no processo de estruturação social de apoio à nutriz, sejam construídos em base evidentes de lastro científico, para que constituam luzes no escopo assistencial do SUS.

2. OBJETIVO

Dessa forma, este estudo tem como objetivo:

- Descrever o processo de produção de sentidos do homem sobre sua participação no aleitamento materno de seu(s) filho(s).

3. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

3.1. Tipo de Estudo

Tendo em vista os objetivos deste estudo, ele foi desenvolvido considerando-se a abordagem qualitativa, utilizando como referencial teórico-metodológicos pressupostos teóricos das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano (Spink, 2010). Assim, buscamos subsídios para compreender a percepção do homem sobre sua inserção no contexto da amamentação com base nas das práticas discursivas masculinas. A escolha pelo percurso qualitativo se deu pela possibilidade que esta abordagem concede de compreender a qualidade substantiva do que o homem, como ator social, pode expressar por meio de sua prática discursiva, mostrando-nos ou revelando a realidade como cena e cenário na interpretação masculina da prática de amamentação de seus filhos.

Esta pesquisa foi delineada para a utilização dos princípios da metodologia da pesquisa qualitativa em concordância com Minayo sendo,

(..) aquela capaz de incorporar a questão do Significado e da Intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas, tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e analisando a realidade social com a intenção de explicitar as estruturas de significados, as representações dos sujeitos acerca do objeto em estudo (Minayo, 2006, p.10).

Compreendemos que determinados fenômenos sociais podem ser melhor traduzidos quando abordados qualitativamente, permitindo que os sujeitos expressem, com base na sua realidade, o melhor de seus motivos, crenças e valores que explicitem e expliquem suas atitudes e hábitos.

3.2. As Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano

A opção por este referencial consistiu-se no fato de se acreditar que os pressupostos teóricos das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano seriam capazes de construir subsídios para resposta às questões levantadas pelo objeto proposto.

Os pressupostos teóricos e metodológicos da construção das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano têm como fundamento o construcionismo (Spink, 2010).

Segundo Gergen (1985), a pesquisa construcionista tem como principal preocupação a clareza dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem.

Spink e Frezza (2004, p.26) utilizam-se dos pressupostos do construcionismo, partindo da Sociologia do Conhecimento para valorizar o conhecimento que as pessoas têm da realidade, considerando, assim, o ser humano como um produto social, pois apontam que “a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo em que vivem” representa um processo em que elas, as pessoas, incluem em si mesmas a produção de sentidos sobre esta realidade.

Esta abordagem centraliza seu “foco de estudo passa das estruturas sociais e mentais para a compreensão das ações práticas, sociais e, sobretudo, dos sistemas de significação que dão sentido ao mundo” (Spink, Medrado, 2004, p.60). Para os autores, o sentido é um empreendimento interativo, tendo que, por meio da dinâmica das relações sociais historicamente datadas e localizadas, as pessoas constroem os termos, compreendendo e se posicionando a partir deles em suas relações cotidianas.

Dentro da perspectiva da construção social, a sociogênese pode se traduzir pelo imaginário social em seu processo de envolvimento e transformação, enquanto a ontogênese se compõe da construção de diferentes estágios de desenvolvimento humano pelas suas fases, desde a infância até a fase adulta, a maturidade. Ainda sob essa perspectiva, a microgênese seria a elaboração de versões compartilhadas quando da negociação de identidades sociais.

Assim, segundo Spink e Gimenes (1994), a produção de sentido está ligada à microgênese e, com enfoque nas práticas sociais desenvolvidas em microcontextos. A microgênese pode ser entendida como um campo transdisciplinar que abrange a circulação de ideias na sociedade, tornando-se campo de estudo de diversas matérias como história, antropologia, filosofia, sociologia do conhecimento, psicologia social, entre outras.

No entanto, Spink e Frezza (2004) chamam a atenção para a necessidade de uma “desfamiliarização” das ideias preconcebidas na percepção do indivíduo como condição prévia à adoção plena da perspectiva construcionista. Tais ideias, que estão no cerne da ciência modernista, passam pela adoção de quatro temáticas: dualidade sujeito-objeto, concepção representacionista do conhecimento, retórica da verdade e concepção do cérebro como instância produtora do conhecimento.

Ao se buscar entender o pensamento e o conhecimento dos homens como fenômenos sociais, na perspectiva de uma adesão plena do construcionismo e da compreensão do significado, considerando as Práticas Discursivas da Produção de Sentidos, pareceu-nos

possível propor compreender a experiência do homem no processo de amamentação de seu filho, adotando um ponto de vista que converge para os princípios teóricos de caráter histórico e cultural, deixando claro que o conhecimento é uma construção social possibilitada pela capacidade humana do uso e compreensão da linguagem.

“Linguagem social ou Discurso são conceitos que focalizam o habitual gerado pelos processos de institucionalização. O conceito de práticas discursivas remete aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade” (Spink, Medrado, 2004, p.45).

Sendo assim, definem-se Práticas Discursivas como linguagem em ação, sendo as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e identificam e apresentam o local de onde se posicionam em suas relações sociais cotidianas. Assim, ao trabalhar com práticas discursivas, Spink e Medrado (2004) propõem uma metodologia de pesquisa para descobrir-se o modo como as pessoas produzem sentidos, a começar de sua posição em suas relações sociais cotidianas.

Segundo Spink (2010), o processo de negociação, de trocas nas relações interpessoais no cotidiano, o qual as pessoas vivenciam, é que constitui o conceito de posicionamento, um processo de interanimação, por meio das práticas discursivas.

Dentro do conjunto de propostas construcionistas, a teoria do posicionamento se coloca diante do entendimento da natureza do “self” e dos processos de construção da identidade da linguagem e dos relacionamentos (Spink, 2010).

Davies e Harré (1999) colocam a teoria do posicionamento como a busca pela especificidade das conversações diante da definição de conceitos como posição, força social da ação e linha de história.

(...) um grupo complexo de atributos pessoais genéricos, estruturado de vários modos, que influenciam nas possibilidades de ação pessoal, intergrupar ou mesmo intrapessoal, através de algumas designações de direitos, deveres e obrigações a um indivíduo, conforme sustentando pelo grupo (Harré, Van Langenhove, 1999, p.1).

Entende-se que as pessoas, em suas conversações, assumem lugares sociais por meio do dinamismo dos processos de construção de identidade, em que apenas e tão somente no momento presente da interação é que as diversas posições de “self” ganham sentido. Assim, o conceito de posicionamento compreende uma pessoa em sua continuidade e multiplicidade,

seja pela identidade, seja pelos “selfs” posicionados em múltiplas e contraditórias narrativas (Spink, 2010).

Nesse cenário de interação, diversos elementos como o contexto, os interlocutores, o espaço, entre outros, são importantes na construção da formatação e do estilo das enunciações ou “speech genres”, também chamados de gêneros da fala. Os gêneros da fala “são as formas mais ou menos estáveis de enunciados, que buscam coerência com o contexto, o tempo e o (s) interlocutores” (Spink, Medrado, 2004, p. 44).

Assim, reiterando alguns conceitos, já explicitados com base em Spink e Medrado (2004), as práticas discursivas são definidas como linguagem pela ação e pela forma com que as pessoas possam produzir sentidos e tomar posições diante das relações do dia a dia, e estas podem ser compreendidas por meio dos elementos:

- A dinâmica, ou seja, enunciados orientados por vozes.
- As formas, que são o speech genres (linguagem social).
- Os conteúdos, que são os repertórios interpretativos, ou seja, as “unidades de construção de práticas discursivas – o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem” (Spink, Medrado, 2004, p.47).

Brait (1997) vê na linguagem uma prática social, posto que as pessoas convivam em grupos, e suas vozes podem construir sentidos quando a voz do ouvinte responde a voz de um falante, ou seja, o pensamento é dialógico, com falantes e ouvintes dialogando entre si, orientando, assim, a produção de sentidos e enunciados.

Nessa lógica, a compreensão dos sentidos está no confronto entre múltiplas vozes que constroem o sentido do enunciado, as quais dão margem a repertórios interpretativos das práticas discursivas, constituindo os seus principais elementos, como os termos, as descrições, e as figuras de linguagem, visando ao contexto de sua produção e aos “speech genres” (Spink, Medrado, 2004).

Assim, a expressão discursiva ou o discurso é uma forma que as pessoas têm para mostrar, por meio de suas falas e das falas de seus personagens por eles evocadas, quando buscam expressar suas ideias, conceitos, percepção, enfim seus sentidos acerca de um dado fenômeno.

Seguindo o pensamento de Spink (2010), para compreender os sentidos e sua construção, é necessário o entendimento dos repertórios interpretativos, cuja temporalidade está sempre próxima dos contextos dos sentidos, em que se percebe o diálogo entre os

sentidos novos e os sentidos antigos, este ultimo pode passar por uma renovação no processo das trocas dialógicas entre os indivíduos.

Dessa maneira, o construcionismo tem como foco a interanimação dialógica, ou melhor, o diálogo que se constrói na relação com o outro, que tem por objetivo “identificar processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e ou compreendem o mundo em que vivem incluindo elas próprias” (Spink, Medrado, 2004, p.60).

Segundo os autores, não se trata de buscar a revelação da verdade, mas considerar que o ato de conhecer consiste em dar sentido ao mundo. Em linhas gerais, quando se refere à produção de sentidos, os processos de construção de um ou mais significados estão sendo ressaltados. O foco adotado é o cotidiano, ou mais precisamente, a interanimação dialógica que ocorre no contexto interacional ou do “tempo do aqui, agora”. Ao focalizarmos os homens, como objeto de estudo, estamos buscando identificar e compreender a participação dele no contexto da amamentação, com base nas produções discursivas, em suas trocas simbólicas com os atores ou personagens evocados por ele, que fazem parte do contexto onde os sentidos desse homem, sobre o seu posicionamento no processo de amamentação dos seus filhos são construídos.

Ainda, segundo Spink e Medrado (2004), o contexto discursivo assume-se em três tempos históricos interconexos:

O tempo longo “compreendido pelos conteúdos culturais incorporados em determinada época, apreendendo repertórios disponíveis formatados pelos aspectos circunstanciais de um dado período através das vozes dos enunciados e por conhecimentos antecedentes à pessoa, manifestando-se nesta pelo seu saber adquirido pelo senso comum, que se dá através de segmentos como a religião, ciência e tradições em geral”.

O tempo vivido “é a ressignificação dos conteúdos históricos da socialização, tendo que as experiências vividas ao longo da vida em muito influenciam uma pessoa, seja pelos jargões profissionais adquiridos, pela linguagem de vários círculos e modas, pelas linguagens que servem de propósitos sócios - políticos, os quais fazem dos homens diferentes entre si dentro de sua individualidade”.

Por fim, tem-se o tempo curto, o tempo aqui agora, o tempo presente, “onde acontecem as coisas que influenciam e permitem o entendimento da produção dos sentidos, pois que as comunicações diretas, face a face, são pautadas por variados repertórios que dão sentido às experiências individuais de cada um” (Spink, Medrado, 2004, p. 53).

Dessa forma, é possível compreender que podemos encontrar diferenças entre as fases vividas pela pessoa, que sentidos novos convivem ou não com os antigos, bem como

pode ocorrer ruptura ou permanências de sentidos e como a produção de sentidos se processam e como eles veiculam e se tornam presentes na sociedade.

3.3. Descrição da Pesquisa

3.3.1. Cenário da Pesquisa

A cidade de Marília apesar de ser um município de médio porte com cerca de 225 mil habitantes, possibilita, por meio do serviço da maternidade e do banco de leite humano, o cadastro atual é facilitador de identificação e busca ativa dos sujeitos. Também é referência do serviço de saúde, com sistema integrado. Ainda, na cidade de Marília, encontra-se a pesquisadora deste projeto com atividades docentes na Instituição de referência com vínculo regular.

A Associação Feminina de Marília - Maternidade Gota de Leite do município de Marília-SP foi o cenário para identificação dos sujeitos da pesquisa. Instituição de natureza beneficente e sem fins lucrativos, com atendimento médico hospitalar e ambulatorial pelos convênios Sistema Único de Saúde - SUS, Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual - IAMSPE e demais convênios, tem seu fluxo de clientela por demanda espontânea e referenciada. Essa unidade já tem 80 anos de existência na cidade de Marília, sendo referência para atendimentos de baixo risco para município de Marília e região. Sua fundação se deu em 1931, com a denominação “Associação Feminina de Marília”, onde algumas mulheres voluntariamente efetuavam um trabalho voltado à puericultura, trabalho realizado por meio de visitas domiciliares aos bebês que nasciam sem assistência médica. No ano de 1947 foi criada na Instituição a primeira sala de parto e passou a funcionar como Maternidade.

Esse serviço é referência para o município de Marília/SP e região, para atendimento de gestantes de baixo risco, conta com 24 leitos para alojamento conjunto, sendo 19 destinados ao atendimento pelo Sistema Único de Saúde e cinco para convênios/particulares e realiza em média 125 partos /mês. O atendimento é realizado por equipe multiprofissional composta por médico obstetra e pediatra, enfermeiras obstetras, auxiliares de enfermagem, fisioterapeuta, nutricionista e pessoal de apoio (copa, cozinha, limpeza e lavanderia).

Conta com o apoio do Curso de Enfermagem e do Curso de Medicina da Universidade de Marília - UNIMAR nas atividades de assistência à mulher, ao neonato e sua família por ser campo das atividades curriculares desde 1996. Nela, também, há uma ativa

participação de alunos e docentes da faculdade de enfermagem nas atividades de promoção do aleitamento materno do Banco de Leite Humano de Marília - BLHM, serviço que tem abrangência de atendimento hospitalar e extra-hospitalar, sendo um dos mais organizados e conceituados da região.

Diante das mudanças ocorridas nos últimos anos, como por exemplo, o sistema de alojamento conjunto, iniciado no ano de 2002, a referida maternidade vem em movimento de adequação para receber o título do Iniciativa do Hospital Amigo da Criança - IHAC.

É interessante explicar que por meio do Banco de Leite Humano – BLH da cidade de Marília, é implementado o Programa de Promoção, Proteção, Apoio, Incentivo e Aconselhamento ao Aleitamento Materno nas Maternidades e Unidades de Saúde de Marília.

O “Banco de Leite” atende mães com dificuldades no aleitamento, e, pelas orientações a elas prestadas acabam por ajudar em suas dúvidas (Secretaria Municipal de Saúde, 2010). O atendimento do Banco de Leite Humano se dá por meio do telefone ou pelas visitas para mães e bebês nas maternidades.

Ressalta-se que, dentre os atendimentos prestados, nenhum deles se destina ao homem, ao pai. A presença dele em salas de consultas, seja no ambiente da Maternidade ou do Banco de Leite, é espontânea e nem sempre valorizada ou aproveitada para alguma orientação destinada a ele.

3.3.2. Definindo e fazendo os contatos com os participantes da pesquisa

Diante do objeto proposto, fizeram parte da pesquisa homens, residentes no município de Marília, de qualquer idade, condição socioeconômica e cor, que fossem pais de bebês nascidos na Maternidade Gota de Leite do município de Marília S/P. As crianças deveriam ser nascidas a termo, feto único, com peso igual ou superior a 2500 kg, saudáveis e cuja gestação e parto não tiveram intercorrências clínicas ou obstétricas e sem anomalias que impedissem ou dificultassem a amamentação, com idade entre seis meses e 24 meses completos e que foram amamentadas por qualquer período de tempo. Foi ainda critério de inclusão a necessária coabitação do casal na mesma residência, pelo menos desde o nascimento do último filho.

O estudo foi desenvolvido, seguindo uma programação com três etapas:

Na primeira etapa, foi feita a identificação dos sujeitos da pesquisa que atendessem aos critérios de inclusão. Essa etapa foi realizada primeiramente por meio das declarações de nascidos vivos que são digitalizadas pelo Núcleo de Informática – NI da Secretaria de Saúde

do município de Marília e, posteriormente, confirmados os dados nos prontuários disponibilizados pela Subdivisão de Arquivo Médico e Estatística – SAME, da já referida maternidade, no período de segunda a sexta-feira das 8 às 17 h, visando à obtenção das seguintes informações e preenchimento do formulário (Apêndice A): Identificação da Mãe (nome, idade e endereço); estado civil; escolaridade; antecedentes obstétricos, número de filhos; dados sobre a gestação e parto do último filho (duração da gestação, número de consultas de pré-natal e tipo de parto). Também foram conferidos os dados da criança, obtidos por meio da Declaração de Nascidos Vivos, como sexo, idade gestacional e peso ao nascer.

As fichas de Declaração de Nascidos Vivos - DNV foram escolhidas aleatoriamente, tendo em conta a idade da criança, peso ao nascer, feto único, gestação e parto sem intercorrências e com local de residência na cidade de Marília.

Na segunda etapa, deu-se a inserção da pesquisadora no campo de pesquisa, nesse momento, o primeiro passo foi conhecer os Agentes Comunitários de Saúde - ACSs da área de abrangência, onde as mulheres e crianças identificadas, por meio da DNV, pertenciam. Assim, com a ajuda dos ACSs, foi possível o contato e o acesso entre pesquisadora e os pais das crianças escolhidas inicialmente e os demais que vieram a participar da pesquisa. Ainda, nessa etapa, o segundo passo foi o contato com o sujeito da pesquisa, que se deu por meio de telefone, cujo número foi fornecido pelo Agente de Saúde da área de abrangência.

Ao fazer o primeiro contato com os pais, a pesquisadora esclareceu-lhes o motivo do contato, a finalidade do estudo, seus objetivos e solicitou sua participação na pesquisa. Nesse momento, a pesquisadora confirmou a informação se a criança havia sido amamentada e por quanto tempo. Mediante a aceitação do homem em participar da pesquisa, era agendada a entrevista, na data, hora e local escolhidos pelo participante, preferencialmente no domicílio do pai.

A terceira etapa consistiu no encontro com o participante do estudo, conforme a agenda prévia para entrevista. A pesquisadora explicava novamente a finalidade e o objetivo da pesquisa e demais informações sobre os requisitos dos procedimentos éticos. As entrevistas e aplicação do formulário foram realizadas individualmente e mediante após plena compreensão dos participantes de seus direitos, da garantia de anonimato e do uso dos dados e resultados da pesquisa, e assinatura voluntária do Termo de Consentimento (Apêndice B). Uma cópia do referido termo era deixada com o participante.

A coleta de dados foi iniciada com o preenchimento de um formulário com questões abertas e fechadas, contendo os seguintes dados: Identificação do homem, ou seja, nome completo ou sua confirmação: idade; escolaridade; estado civil; religião; ocupação, local de

trabalho, horário de trabalho, tipo de empresa e porte, renda familiar; se costumava acompanhar sua esposa nos atendimentos à saúde dela e dados em relação à experiência em aleitamento materno.

A seguir, era realizada a entrevista em profundidade. Na perspectiva do construcionismo, a entrevista é considerada uma prática discursiva pela qual, segundo Pinheiro (1998), é possível acontecer uma interação situada e contextualizada, para que os sentidos possam ser produzidos e construídos nas versões da realidade.

3.3.3. Organização e análise dos dados

A coleta e organização dos dados foram feitas simultaneamente. A entrevista foi transcrita integralmente e suas linhas numeradas, leitura e releitura das entrevistas foram realizadas, as falas foram organizadas para interpretação e compreensão necessárias para o alcance do objetivo do estudo.

A análise das entrevistas seguiu etapas adaptadas do método proposto por Spink (2010), sendo uma primeira fase de procura de apreensão global do conteúdo das falas, tanto da pesquisadora como do participante, por meio de leitura e releitura, geral e intensa do texto. A seguir, foi feita uma distribuição do texto gerado das entrevistas, utilizando os princípios da elaboração do mapa de associação de ideias de (Spink, Gimenes, 1994).

Essa fase constou da distribuição do conteúdo das entrevistas em colunas, conforme unidades de significado ou categorias descritivas, que foram identificadas nas leituras da entrevista na fase anterior, em que se busca a compreensão global dos sentidos. Estas unidades são apreendidas na identificação de ideias expressas por palavras e frases, pela entonação percebida na voz e pelas singularidades observadas pela pesquisadora. A estas unidades se dá uma denominação, que seriam os primeiros sentidos percebidos nos dados e que permitem o refinamento da análise em suas fases posteriores. Esse exercício, uma primeira forma de organização dos dados, com o todo das entrevistas desenvolveu a familiaridade da pesquisadora com os dados e mostraram os temas importantes, sejam repetitivos ou inéditos em cada entrevista, apontando para a forma como os homens abordam e se mostram em relação ao tema da pesquisa, como exemplo descrito abaixo:

Quadro 1: Entrevista com Guilherme

Trechos da entrevista Quadro 1. Trecho de entrevista, demonstrativo da organização inicial do Mapa de Associação de Ideias. 2012

Participação no processo de amamentação	Amamentação: Crescimento e desenvolvimento da criança	Afeto/ relações	Dificuldades nos cuidados com a criança
<p>L.L.67/68/69 Não entendi muito bem, quando você coloca a sua participação, queria que você voltasse um pouquinho na questão da sua participação, de estar presente.</p> <p>G.L.70. De estar presente, como assim, você fala?</p> <p>L.L.71: Como que é essa presença?</p>	<p>L.L. 63/64 Importante. Poderia me explicar melhor?</p> <p>G.L.65/66. Ah, importante para tudo, para saúde dela. Para o crescimento, para inteligência, para tudo.</p>	<p>G.L.72/73. Ah, presença é ... estar ali do lado, vendo, sentindo esse momento, ajudando[...].</p>	<p>G.L.73. [...] também , querendo ou não o pai sofre também.</p> <p>L.L.¹. 74. É? Como assim sofre.</p> <p>G². L.75/76. Ah, porque não é fácil, não. Tem hora que é complicado, ainda mais com duas ainda, aí tenho que ajudar a mãe, corre aqui, corre ali, tem [...].</p>

Quadro 1. Trecho de entrevista, demonstrativo da organização inicial do Mapa de Associação de Ideias. 2012

¹ A letra “L” indica as falas de Lais (entrevistadora)

² A letra “G” indica as falas de Guilherme (entrevistado)

Com base na apreensão de sentidos, no exercício descrito nas duas últimas páginas, procedemos à identificação dos temas abordados na entrevista e as personagens que partilham o cenário desta vivência paterna, que são “evocadas” pelo homem ao expor sua história e dão consistência à produção dos sentidos em seu cotidiano, sobre seu processo de participação na amamentação do filho. A “entrada” desses personagens no diálogo, entre o participante da pesquisa e a pesquisadora relativiza o “eu” expresso pelo ator homem/pai e mostra como ele se articula com os demais personagens dessa vivência, mostrando o posicionamento do “self” em suas diferentes categorias e locais de onde se coloca. Por fim, com base no refinamento dessas unidades de sentido e a progressiva compreensão dos temas e personagens, refinamos a apreensão das categorias descritivas, que em seu conjunto nos mostrou os elementos e o tecido da produção dos sentidos desse homem, na sua relação com o aleitamento materno de seu filho.

Assim, vale salientar que as categorias descritivas finais foram definidas com base nos questionamentos que se apresentaram para a construção do estudo e do refinamento das análises dos mapas de associação de ideias. Assim, com as categorias, chegamos à construção de três temas: **A posição do homem no processo de amamentação:** como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica; **As ações do homem no processo de amamentação:** o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz e **As relações familiares no processo de amamentação:** como descreve as relações e o que fazem as pessoas (Anexo B).

3.3.4. Aspectos éticos da pesquisa

Os aspectos éticos deste estudo contemplaram todos os quesitos das normas vigentes para realização de pesquisas com seres humanos. Atendendo à Resolução 196, de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, o projeto de pesquisa foi encaminhado para Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Marília CEP – UNIMAR (Anexo A) e para a Comissão Municipal de Avaliação em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do município de Marília- COMAP, sendo aprovado nas duas comissões (Brasil, 1996).

Todos os homens participantes da pesquisa foram informados a respeito dos aspectos éticos e legais e sobre o objetivo da pesquisa, conforme exposto anteriormente.

4. AS ENTREVISTAS E SEUS CONTEXTOS E ANÁLISES

Foram entrevistados sete homens que atendiam aos requisitos definidos neste estudo. Haveria a possibilidade de entrevistar outros homens, porém as entrevistas, à medida que analisadas, apontavam tanto aspectos similares entre as experiências, vozes e repertórios interpretativos explicitados por esses homens, da mesma forma, mostravam-se típicos em suas vivências, que os destacavam na produção de sentidos, cada qual no seu contexto microgênico; assim consideramos que a análise das sete entrevistas seria já um universo rico em sentidos para compreender o objeto deste estudo.

Os homens entrevistados tinham em média 30 anos de idade, sendo que o pai mais jovem tinha 23 anos e o mais velho, 47 anos, a maioria casados. Quanto à escolaridade, apenas um possuía nível superior completo, dois, nível superior incompleto, três, ensino médio e um, ensino fundamental; já em relação à profissão, encontramos uma grande diversidade, como artesão, analista de sistema, segurança, técnico de sondagem, operador de máquinas, frentista de posto de gasolina, estudante e policiais militares.

No quesito tocante à jornada de trabalho, a maioria trabalhava em média oito horas por dia e contava com uma renda familiar mensal de quatro salários mínimos ao mês, e dos entrevistados apenas um trabalhava e estudava.

Em relação ao número de filhos, havia uma média de dois filhos por casal, sendo que a maior parte dos casais entrevistados não planejara a gravidez, e, ainda, quando questionados sobre a participação dos maridos nas consultas médicas de pré-natal de suas esposas, todos relataram que estavam presentes durante as consultas. Quando questionados em relação às experiências anteriores com a amamentação, a maioria relatou que nunca havia tido tal experiência.

4.1. Iniciando o diálogo com os pais sobre a participação do homem no processo de amamentação.

A entrevista foi iniciada com perguntas sobre alguns dados sociodemográficos, e após o preenchimento do formulário correspondente, foi introduzida a questão norteadora para o início da entrevista em profundidade: “Poderia me contar como é a sua experiência, como pai vivenciando o processo de amamentação de seus filhos?”. Segundo Pinheiro (2004, p.186), “essa aproximação entre o pesquisado e entrevistado nos permite entender a entrevista

como prática discursiva, ou melhor, como interação, situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem a realidade.”

É preciso salientar que os nomes que identificam os participantes da pesquisa foram escolhidos pela pesquisadora, de forma aleatória, tomando por referência o seu universo de relações familiares. Assim, não guardam relação com os nomes verdadeiros dos participantes do estudo.

4.2. Entrevista com Luís

Luís é casado, tem 42 anos de idade, católico, tem três filhos, uma menina de nove anos, um menino de cinco e uma menina de dois, que ainda mama no peito. Coursou até o ensino médio e trabalha fazendo artesanatos em madeira, peças para decoração, lembrancinhas de casamento, maternidade, entre outros. Sua renda familiar é de três salários mínimos. Residente em Marília, em bairro simples, onde o acesso é difícil, devido aos buracos nas ruas e sua localização, preferiu, por esse motivo, ser entrevistado na residência de sua mãe.

Agendada por telefone, a entrevista se deu no local marcado, e se iniciou conforme planejada pela pesquisadora. Luís mostrava-se emocionado e expressivo a cada vez que falava da amamentação da última filha, expressando-se com lágrimas nos olhos. Manteve-se calmo e teve um discurso expressivo, estava à vontade para responder às questões, de forma sucinta ou mais elaborada.

Ele mostrou-se, ser um pai presente, participativo na educação dos filhos. Na maior parte do tempo envolvido e preocupado com os problemas familiares, dado que naquele dia sua sogra encontrava-se internada e ele parecia estar preocupado com o estado de saúde dela.

4.2.1. Identificando os temas abordados:

A identificação dos temas foi realizada a cada entrevista e será apresentada para cada uma delas. Os temas correspondem a uma primeira organização dos dados e esse processo nos possibilitou a orientação da análise e busca dos sentidos, os quais serão apresentados para cada uma das entrevistas, bem como as personagens e a análise correspondente aos temas das categorias descritivas.

Participação no processo de amamentação

Com base na questão apresentada, Luís passa a relatar como se dá a sua participação no processo de amamentação do filho, descreve suas ações e deixa claro que, a maioria das vezes, acompanha o processo de amamentação, porém isso só acontece quando está disponível.

“aí ela tem que fazer alguma coisa, eu vou olhar a criança, se necessário, eu estou lá para olhar a criança.”³

Amamentação: crescimento e desenvolvimento da criança

Ainda completando a resposta da primeira pergunta, diz que acha importante a amamentação para o crescimento e desenvolvimento do bebê e o quanto a criança necessita deste alimento, para que no futuro possa evitar diversos aborrecimentos.

Afetividade, integração e participação

Dando continuidade ao assunto já trazido por Luís, no início da entrevista, ele fala o quanto que o fato de ele acompanhar o processo de amamentação permite ou provoca a integração e afetividade entre os membros da família.

Falta de experiência e conhecimento quanto ao processo de amamentação.

A pesquisadora reintroduz o assunto de sua participação e ele comenta sobre sua inexperiência com a amamentação e que também não tinha conhecimento suficiente sobre o assunto para poder auxiliar a esposa e filhos.

Conciliar trabalho durante o processo de amamentação.

Luís traz a realidade vivenciada no dia a dia sobre as dificuldades encontradas pela esposa em relação a trabalhar e amamentar, ao que ele assume para os dois a tarefa de organizar esta conciliação.

4.2.2. Personagens da Cena Discursiva

No decorrer da entrevista, Luís assinala o quanto e como ele se percebe no processo que vivencia junto à família, no que concerne à amamentação de seus filhos, e ainda, se refere

³ Trecho transcrito da entrevista

e dá voz a outros atores que circulam nesse processo com os quais interage, sendo a esposa e os filhos.

Na entrevista realizada com Luís o “**eu**” presente prevalece, mostrando um pai do presente, que evoca o pai do passado, para justificar ou minimizar os sentimentos de não ter participado plenamente da amamentação dos demais filhos. Em momentos se denomina **eu** e em outros **a gente**.

O **Eu** - é usado quando quer trazer explicações sobre o seu envolvimento, sua participação atual auxiliando quando pode nos afazeres do lar e cuidados com a criança, quando se refere a sua nova experiência que julga importante para o processo de amamentação e para a integração familiar.

O **Eu** - do passado é referente a um pai que ele reconhece ter sido ausente que não participou do processo de amamentação e busca justificar sua ausência devido ao trabalho.

Esposa - ela/dela - outro personagem é a mulher a quem ele denomina esposa, ela ou dela, para se referir a papéis desempenhados pela figura feminina nessa relação, que seria o principal papel, que é cuidar da família, como uma responsabilidade **dela**.

Também, denomina de **ela**, a filha mais nova, ou **terceira** filha, com quem tem maior proximidade e demonstra afetividade diferenciada por estar tendo maior oportunidade de acompanhar o processo de amamentação e de crescimento da criança. A presença no lar, cotidianamente, proporciona a aproximação.

Por outro lado, denomina de **dois primeiros** ou de **outros**, os demais filhos, os mais velhos, com quem teve dificuldade de estar presente devido ao trabalho fora de casa, parecendo para a entrevistadora que a distância do pai, em relação aos dois primeiros filhos, na época da amamentação, influenciou para que Luís insinue que eles não são tão próximos agora.

4.2.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.2.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 1A, no Anexo B)

As diferentes formas que homem se vê, como partícipe no processo de amamentação de seu filho, traduz-se, nas falas de Luís, trazendo o reconhecimento da importância de sua presença, física e emocional no cotidiano dos personagens principais desse processo, o da mulher e o da filha que ainda é amamentada.

Assim, ele se coloca como um homem com participação ativa, ora como o pai que acompanha e cuida da filha, ora como o companheiro que auxilia e ajuda na conciliação das demais responsabilidades da mulher. A sua presença ou seu papel fica ampliado, como parceiro que propicia à mulher ter a condição de cumprir suas obrigações, como nutriz.

Assim, neste contexto atual de sentidos, Luís faz a comparação entre sentidos novos e os sentidos antigos, ou seja, as experiências anteriores de amamentação dos filhos mais velhos, que não pôde acompanhar, e se coloca na posição de um pai ausente desse processo. A presença possível e a participação no atual contexto permitem a percepção de um novo sentido para o seu papel de pai, o de parceiro, participante e pai presente.

Assim, percebe-se gratificado pela possibilidade de estar ao lado da esposa e de poder acompanhar a criança. O fato de trabalhar em casa junto com a mulher é o que possibilita sua atuação e participação mais próxima e contínua da família, e particularmente da criança menor, dando sua contribuição para que a amamentação aconteça. No entanto, mesmo tendo clara a importância de sua participação, deixa transparecer o desagrado que as mamadas noturnas provocam, especialmente na fase em que a criança ainda requer mamadas mais frequentes, em que se coloca na figura do homem, que sendo o principal provedor da família é o que tem jornada de trabalho diurna continuada. Justifica a necessidade de repouso, que é interrompido pela demanda de mamada da criança, quando se refere a ele como “[...] a gente já trabalhou o dia todo, aí chega a noite, tem dias que incomoda”, reitera sua individualidade, voltando depois o reconhecimento da importância de sua experiência em poder partilhar os momentos vividos com a família.

A amamentação, na visão de Luís, ganha importância para a filha na promoção de sua saúde e representa um elemento que mobiliza sua motivação para participar e se colocar como o parceiro no processo de aleitamento da criança.

Também a condição de trabalho no domicílio forma o contexto propício para sua colaboração e seu papel paterno participativo, sentindo-se integrado no contexto familiar.

4.2.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 1B, no Anexo B)

As ações referidas por Luís dizem respeito ao cuidado com a criança na ausência da mãe. Do local onde se coloca, Luís é aquele que cuida quando a mãe se ausenta ou necessita de realizar outros trabalhos. Sua posição também implica a atenção e observação das

necessidades da mulher, sem, contudo, deixar muito claro que suas responsabilidades com a criança são igualmente repartidas entre o casal.

Percebe-se que sua presença e atitude participativa repercutem na possibilidade da mulher “estar fazendo a parte dela como mãe, na amamentação”, sendo o que é possível ao homem contribuir. Também, percebem-se outros impactos de sua presença, que é a criação de laços afetivos mais consolidados com a criança, ao que Luís chama de maior afetividade pela filha que ele acompanha, sendo “o pai no dia a dia, a gente vê a esposa, o filho, é muito importante essa integração”, além de “estar auxiliando na educação da criança”, o que revela sua posição para além da participação na amamentação, mas na vida da criança como um todo.

4.2.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 1C, no Anexo B)

As dificuldades encontradas para dar continuidade à amamentação podem ser superadas pela dinâmica de trabalho que o casal estabelece quando Luís se posiciona como corresponsável na articulação dos tempos e espaços ocupados pela mulher na atividade diária de conciliar o papel de mãe e de trabalhadora, como ele. Na sua fala, expressa o companheirismo, pois, segundo ele, “estamos os dois juntos, então tem essa conciliação [...] A gente supera essas dificuldades [...] um auxilia o outro.”

Dessa forma, as relações familiares são amistosas, porém sua relação afetiva com a criança menor é percebida por ele como sendo mais forte e provocada pela sua oportunidade de estar mais próximo, acompanhando cotidianamente as experiências da filha. Deixa transparecer um certo ressentimento em não ter tido a oportunidade da mesma experiência com os outros filhos, o que talvez se reflita agora no tipo de relação que percebe ter com eles, quando “todo o contato que você tem há mais tempo com as pessoas torna a relação afetiva, assim mais forte. O eu tenho com essa terceira, não deixando de amar os dois primeiros.”

Assim, nessa relação, Luís entende que ele é uma peça importante, mas que todos colaboram para que a amamentação seja uma necessidade da criança que é atendida.

4.3. Conversando com Edson

Edson é casado, 41 anos de idade, evangélico, tem dois filhos, a mais velha tem seis e o mais novo, tem um ano, ainda recebendo aleitamento materno. Coursou o ensino superior e

pós-graduação. Trabalha como analista de sistema em uma empresa educacional. Sua renda familiar é de, aproximadamente, oito salários mínimos. Mora em Marília, num bairro residencial, localizado na região oeste, de fácil acesso e segurança, sendo a casa de alvenaria, com amplo espaço de lazer.

Preferiu ser entrevistado no local de trabalho da pesquisadora, por ser um lugar mais tranquilo se comparado ao seu lar, com a presença dos filhos, pois poderiam fazer barulho ou atrapalhar o andamento da entrevista, foi agendada por telefone.

Edson compareceu no dia e hora marcados. A pesquisadora o convidou para entrar e sentar-se, fechou a porta da sala, para não serem interrompidos. Iniciou a conversa, e no decorrer, a pesquisadora notou que Edson estava interessado em contar sua experiência sobre a amamentação, pois, durante a entrevista, respondia às questões com entusiasmo, demonstrando interesse e sensibilidade diante do tema “participação do pai no processo de amamentação”, alterando o tom de voz, suas expressões faciais e gestos com as mãos, sendo que a maioria das respostas foram longas e de encontro com o objetivo da pesquisa.

Edson mostrou-se envolvido com o tema quando relatou sua participação no processo de amamentação de seus filhos.

O entrevistado deixou claro que gosta dos momentos em família e ao lado dos filhos, que procura registrar por meio de fotos todos os momentos importantes da família, mas principalmente aqueles em que seu filho está sendo amamentado.

Relata que quando está presente sempre procura colaborar com a esposa, nos cuidados com o bebê, mostrando que há um interesse maior, que a responsabilidade é partilhada e não somente da mulher com a pequena ajuda do homem.

4.3.1. Identificando os temas abordados:

Participação no processo de amamentação

Ao responder à pergunta da pesquisadora, Edson introduz o tema “participação no processo de amamentação” falando de sua experiência, sobre a vivência com o processo de amamentação e deixando clara sua participação e seu apoio à esposa.

Relata que procurou passar tranquilidade para sua família, acompanhando a mulher na gestação e na amamentação do atual filho. Descreve as posições de seu filho enquanto está sendo amamentado, tem, no decorrer da entrevista, olhares de afeto e fala sobre integração familiar.

Também descreve a forma de ajudar a mulher e os cuidados com os filhos.

Falta de experiência e preparo

O processo de amamentação é para ele uma situação nova, diferente das outras já vividas e que não se sentia preparado para auxiliar sua esposa muitas vezes, por se sentir desorientado e desajeitado.

Integração Familiar

Edson também se refere ao processo de amamentação como um elemento integrador para a família.

Dificuldades da esposa na amamentação

Ao discorrer sobre sua experiência, introduz o tema dificuldades da esposa na amamentação, que sendo reforçado pela pesquisadora, explicita quais são as dificuldades, ou seja, as intercorrências com fissuras mamilares logo no início do aleitamento e como ele agiu.

*“houve questão de **rachadura dos seios**, que **o seio rachô**, então ela teve um pouco de **dificuldade em amamentar**.”*

Dificuldades dele para conciliar o trabalho e a sua participação

Ainda, ele fala das suas dificuldades em manter-se acordado e ajudar a esposa nas mamadas noturnas, mesmo sentindo-se cansado para trabalhar no dia seguinte.

*várias vezes na **noite** é, quatro, cinco vezes numa **noite para amamentação**.
E vou trabalhar cansado no outro dia.”*

4.3.2. Personagens da Cena Discursiva

Os personagens que aparecem em cena, na entrevista de Edson, dão consistência à sua história e aos argumentos apresentados e nesse cenário, além do eu (gente) os personagens identificados foram a esposa (ela/dela), a filha (ela), o filho – bebê (ele).

O **Eu** – aparece quando analisa ou mostra refletir sobre sua participação junto à mulher nesse processo quando fala de suas ações e dificuldades.

Enquanto ao referir sobre sua crença na importância da amamentação, ele evoca um eu, que é reiterado por informações e vivências a quem ele autodenomina **a gente**:

*“existem situações é, que leva a, obrigatoriedade praticamente de se estar amamentando e tem as condições de saúde, tem as condições do bebê, tem uma série de quesitos que a **gente** ouve falar, como publicações, como propaganda, o próprio, o posto de saúde informa [...]”*

Ela /dela – Edson denomina a mulher de **ela/dela, indistintamente** quando traz para o diálogo as experiências da mulher na amamentação.

Ao presentificar a voz esposa, Edson expressa um ar de dor, quando ele relata as dificuldades em relação às fissuras mamilares.

*“**Ela** reclamava muito que machucava, no caso do Júnior, **ela** já não reclamou, porque já tem aquele processo de mudança dos seios.”*

*“**Aí, ela** falava: não, realmente, ele já soltou, então ele já tá cheinho.”*

Filha – ela - Edson denomina de **ela ou filha**, quando traz a personagem da criança mais velha como uma participante no processo de amamentação a qual é incentivada por ele, para manter uma aproximação com o irmão e mãe.

*“momento bem especial para nós, para nossa **filha** também.”*

*“então **ela** acompanha, então eu fazia questão de que **ela** também **acompanhasse**, sentasse no meu colo: olha **filha**.”*

O outro personagem evocado é a criança mais nova, que recebe a amamentação, denominado por filho – **bebê ou ele** –

Quando se refere ao filho, Edson tem um posicionamento reflexivo, relatando sua emoção desde a gravidez até o processo de amamentação, faz comparações com o primeiro filho e acredita que o bebê também observa a mãe enquanto mama.

*“ficava olhando **ele** é [...] a pega.”*

*“fazia comparação, principalmente porque **ele** é o segundo filho.”*

*“É uma emoção de vê o seu **filho** ali, naquele momento, é, você curte, você curte toda aquela parte da gravidez.”*

A **mãe e a sogra** – personagens que aparecem como conselheiros e fonte de conhecimento e experiência de vida, para dar-lhe orientação

4.3.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.3.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 2A, no Anexo B)

A posição em que se coloca Edson é de um pai participativo. Ele se vê na figura do homem que, em sua limitação biológica, se coloca na possibilidade de apoiar a mulher no processo de amamentação de diversas maneiras, sendo que “tem a participação psicológica”, isto é, representa uma participação ativa no processo.

Na visão de Edson, acompanhar o período de gestação e de amamentação do filho, dá-lhe o sentido ampliado de pai, ou seja, aquele que está presente e se sente satisfeito em ter um lugar nesse processo, como ele disse: “de ter o meu papel como pai, estando colaborando com a esposa, com a família, que ali é um momento família, então é a minha satisfação de estar participando, de estar contribuindo”, demonstra sua posição e satisfação ao reconhecer “eu tenho uns momentos assim, bem paizão, eu gosto de curtir.”

Assim, Edson sente-se gratificado. Sua participação, em sua avaliação à amamentação representa momentos únicos, especiais e sua presença, o estar ao lado ou junto à mulher e do filho, mesmo que apenas observando, representa sua contribuição nesse processo, que é compatível com as posições que ocupa no contexto de sentidos, ou seja, seu papel, percebido quando ele coloca, “... pelo meu lado pai, pelo meu lado esposo, pelo meu lado companheiro com ela.”

Mesmo tendo programado a vinda do filho, ainda assim, a amamentação é uma experiência para a qual não se sente preparado por desconhecer como interferir ou ajudar a mulher. A amamentação revela-se uma vivência intensa, contínua, porém gratificante, mesmo que tome parte de seu repouso e sinta-se cansado para enfrentar a jornada diária de trabalho.

Estar ao lado e contribuir na amamentação, seus sentimentos e suas posições podem ser representadas em sua percepção de que fisicamente presente, junto ou a distância, observando a relação entre mãe e filho, é suficiente para ser percebido, como forma participativa de se tornar presente. Nesse aspecto, a posição em que se coloca, muitas vezes, mais na condição de observador dos momentos de mamada, centra-se no espaço de um contexto de sentidos em que na posição “externa” desse momento, pode até mesmo atrapalhar a concentração da criança e da mãe, o que o remete para a situação de velar pelos personagens da cena de amamentação.

Da mesma forma que ocupa diversos “selfs” nessa relação, a amamentação também o coloca como percebendo a mulher em diferentes papéis, passando da mulher parceira conjugal para o papel materno.

4.3.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 2B, no Anexo B)

As ações referidas por Edson, dizem respeito à ajuda no cuidado com o bebê. Percebe-se que suas possibilidades de participação estão na presença contínua e na realização de ações que facilitam e dão mais tranquilidade para a mulher amamentar, como levantar e pegar o bebê no berço e posicioná-lo nos braços da mãe, bem como dar o banho na criança. O registro desses momentos, por meio da fotografia, também é um componente importante em seu papel paterno, o de reafirmar seus sentimentos de carinho para com a família.

Suas ações repercutem no que ele chama de apoio psicológico, sendo o que percebe caber ao homem até o momento em que com o crescimento do bebê, ele pode aumentar sua participação e acesso à criança, oferecendo-lhe a mamadeira, oportunidade em que ele pode exercer mais plenamente seu papel, realizando ele também a ação de alimentar a criança. Isso lhe dá a chance de maior proximidade e de perceber novos contextos de sentidos na progressiva oportunidade de interação da criança com o pai.

4.3.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 2C, no Anexo B)

As relações familiares estão alicerçadas, na visão de Edson, na colaboração, respeito e no afeto que envolve todos, circunda seu contexto de sentidos no núcleo familiar, esposa e filhos, incluindo a mãe e a sogra.

A interação com a criança é representada na sua possibilidade de também estabelecer o contato físico e afetivo, percebendo a resposta do filho, como o toque da mão da criança em sua mão. Essas oportunidades de interação reiteram e fortificam o posicionamento paterno: “Ternura, aquele contato ternura, que se dá o dedinho para ele, ele aperta, daí você aperta o dedinho dele, ele aperta o seu dedinho de novo.”

Chama a atenção para sua expressão de aceitação dos limites no relacionamento conjugal, considerando que a fase de dedicação ao bebê é uma adaptação para a qual o homem tem de se preparar e reconhecer a prioridade de cuidados com a criança. Há também,

o reconhecimento da dedicação da mulher à criança, fortifica o posicionamento do homem e do companheiro, que, no entanto, também necessita de apoio para superar as adaptações que esta fase representa, recebendo orientações que partem dos mais velhos e sendo as respeitadas: “[...] você tem que sê forte, tem que ter orientação. Minha sogra conversou muito comigo, minha mãe [...].”

4.4. Conversando com Guilherme

Guilherme é casado, 26 anos de idade, espírita, tem dois filhos, um com três anos e outro com seis meses de idade, que está sendo amamentado até o presente momento da realização da entrevista. Coursou até o ensino médio e trabalha de segurança em um *shopping* da cidade. Sua renda familiar mensal é de aproximadamente três salários mínimos.

A entrevista foi agendada por telefone, respeitando a disponibilidade de horário de Guilherme. No dia e hora agendados, a pesquisadora foi até sua residência, localizada num bairro de classe média. Foi recebida por sua esposa que a convidou para entrar, sentaram na sala e, em seguida, ele apareceu e cumprimentou-a. Novamente, foi lhe explicado o motivo da visita, deixando claro o objetivo da pesquisa.

Durante a entrevista houve algumas pausas, pois sua esposa estava presente na sala com o bebê e às vezes interrompia a conversa. No início, Guilherme apresentou certa timidez, mostrando-se pouco comunicativo, bastante reservado, ou seja, mostrou-se pouco envolvido com o tema, quando relatou suas experiências no processo de amamentação de seus filhos. Suas respostas foram curtas e pontuais.

Deixou claro que participa do processo de amamentação quando tem disponibilidade de tempo, mas não se sente à vontade, ou melhor, não se sente preparado, uma vez que não possui habilidades para cuidar do bebê. Dorme em quarto separado para não ser incomodado durante a noite pelo bebê e esposa que amamenta, mas acha importante conviver com o processo de amamentação de sua filha, porque o leite materno faz bem para o crescimento e desenvolvimento da criança.

4.4.1. Identificando os temas abordados:

Participação no processo de amamentação

Guilherme, ao responder a pergunta inicial da pesquisadora, coloca o quanto acha importante a convivência e participação dele no processo de amamentação, explica como

participa e como percebe as manifestações da criança com a sua presença. Na entrevista mantém-se reservado, respondendo com poucas palavras.

*“Eu acho que a **convivência** do marido é muito importante [...].”*

Amamentação: Crescimento e desenvolvimento da criança

Guilherme introduz o tema sobre a importância da amamentação para o crescimento e desenvolvimento da criança e trazendo, neste momento, a fala do profissional médico se refere também à importância da primeira mamada para o bebê.

*“Ah, **importante** para tudo, para saúde dela, para tudo. Para o **crescimento**, para **inteligência** [...].”*

*“leite da mãe, que os médicos dizem que é muito **importante a primeira mamada** [...] E importante até quando a criança puder mamar, com dois anos se tiver leite da mãe **é bom** continua mamando.”*

Interferência do estado emocional da mãe na amamentação

Logo em seguida, espontaneamente, traz o tema dizendo que quando a mãe fica nervosa pode passar o estado de ansiedade e agitação para a criança, por meio da amamentação.

Dificuldades nos cuidados com a criança

Em resposta à entrevista da pesquisadora e completando sua resposta, sobre a questão: como você vê o processo de amamentação, fala sobre as dificuldades em relação aos cuidados da criança na ausência da esposa.

A mudança no relacionamento do casal

Introduz de forma reflexiva o tema sobre a interferência do processo de amamentação na vida conjugal do casal quando menciona que dorme separado da mulher para propiciar facilidades para que ela amamente.

4.4.2. Personagens da Cena Discursiva

Também na entrevista de Guilherme ele evoca apenas os personagens centrais da família e o profissional médico que sustenta seus princípios em relação à amamentação.

Eu – aparece quando Guilherme fala da sua participação e de suas ações no processo de amamentação. Quando quer se referir às suas necessidades, sentimentos ou dificuldades, ele utiliza a palavra **pai** demonstrando que também tem um papel no seio familiar, e que esse processo tem repercussões em seu modo de viver o seu cotidiano.

“eu sempre estou presente sim. Ah, eu acredito que sim, porque estou aqui direto vendo ela mamá assim, é coisa linda.”

Filha - ela, criança – quando fala do bebê, ele traz esse personagem, denominando de filha, “ela” ou “criança”, também traduzindo sua relação de afetividade com a criança e o quanto é foco de atenção do pai.

Esposa, mãe e companheira – ele se refere à mulher como esposa, mãe e companheira, distinguindo os diferentes papéis que ela desempenha, ou seja, a esposa e mãe é a nutriz ou quando está no papel materno, e usa a palavra companheira, quando se refere ao relacionamento conjugal.

“e eu vejo assim, tipo quando a minha esposa tá muito nervosa ou acontece algo... passa para o leite, a criança fica agitada, quando minha esposa fica nervosa assim, acontece algo, alguma coisas assim, ela fica nervosa, a criança fica agitada.”

Médicos – introduz o outro personagem quando usa a voz dos médicos para mostrar que reconhece atributos do leite materno e da amamentação. A figura do médico dá credibilidade para este conhecimento que ele usa para embasar sua crença no aleitamento.

4.4.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.4.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 3A, no Anexo B)

Mesmo pouco comunicativo, Guilherme se posiciona como um pai participativo. Sua expressão de estar “sempre presente, sim”, pela entonação da voz, transparece uma justificativa ou explicação de que cumpre com uma atividade esperada para seu papel de pai: “Participo. Tipo, todos os dias assim, tem a nenê de quatro meses.”

Expressa o sentimento de sofrimento, que está atrelado à responsabilidade de ter de partilhar com a mulher os cuidados dos outros filhos, não só do bebê que está sendo amamentado. Assim, expressa sobrecarga e sofrimento que esta experiência lhe traz. Também, traz o sentimento de perda da companhia da esposa, mas que em princípio, é minimizada pela preferência que deve ser dada aos filhos. Nesse contexto, Guilherme tenta reforçar sua posição de pai em detrimento da posição do parceiro conjugal.

Sua participação, considerada por ele, constante, é revelada na sua crença de que o filho percebe, desde muito cedo, a presença do pai e personifica a posição do papel paterno, em que é também tão importante quanto o da mãe que amamenta e para ser reconhecido como tal é preciso estar presente: “[...] a convivência do pai na convivência de um filho é muito importante, desde o primeiro dia de nascença dele [...], não é só a mãe que está ali amamentando, mas o pai também está ali, ajudando a mãe. Ela sente o carinho que o pai também.”

4.4.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 3B, no Anexo B)

As ações de Guilherme, nesse contexto, são concretas e simbólicas. Suas participações no cuidado com a criança e com os outros filhos dependem de sua disponibilidade e se restringem, pelo possível de ser analisado, aos momentos de ausência da mulher no cuidado aos filhos. Se junta às tarefas domésticas, no papel de pai que assume outros sentidos, como o de prover as condições objetivas de custeio da casa e da família, mas sobressai, também, o valor simbólico de suas ações que é representado pela demonstração de carinho e de amor, dando o outro sentido de ser pai.

No entanto, ser pai tem uma limitação na participação, especialmente no que tange à amamentação, quando prioriza a sua necessidade de repouso, deixando claro uma construção social de que é possível a mulher assumir as responsabilidades com os filhos sem descontinuidade do cotidiano, enquanto o homem pode se ausentar de alguma maneira dessa atribuição. Há aqui, uma contradição nas falas de Guilherme que se diz presente todos os dias, porém se ausenta de madrugada: “De madrugada, é hora que o pai descansa um pouco e deixa o serviço pra mãe.”

4.4.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 3C, no Anexo B)

Guilherme não fala propriamente das relações familiares, mas deixa sobressair a sua percepção de que a amamentação interfere na vida do casal, e embora sinta que a relação fica prejudicada do ponto de vista conjugal, de sua posição paterna, acena a priorização dos filhos e da mulher, no sentido de facilitar a proximidade da mãe e do bebê, durante a noite. Nesse sentido, embora o sentimento de perda da companheira seja expresso, ele justifica sua ausência no leito do casal pela ocupação necessária desse lugar pelas crianças: “Eu não vou deixar de ficar ali e deixar a nenê. Ela fica levantando para pegar ela do berço e colocando, levantando, então ela já fica direto na cama, para dar menos canseira.”

4.5. Conversando com Rafael

Rafael é solteiro, 41 anos de idade, católico, tem um filho, com seis meses de idade e estava sendo amamentado no momento em que a entrevista foi realizada. cursou até o ensino Fundamental I. Trabalha como técnico em sondagem para perfuração de poços. Sua renda familiar mensal é de aproximadamente dois salários mínimos.

Rafael aceitou participar do estudo e solicitou que a entrevista fosse durante um fim de semana, porque trabalha fora da cidade de Marília.

Quando a entrevistadora chegou a sua residência, convidou-a para entrar e sentar-se, Rafael muito calmo, porém pouco comunicativo; suas respostas eram pontuais, demonstrando sua timidez. Sempre atendo ao objetivo da pesquisa. No transcorrer da conversa, ele demonstra carinho, afeto e responsabilidade com seu filho e namorada.

Ao falar sobre os cuidados que o filho necessita, Rafael mostrou ser um pai presente e que se preocupa com a namorada e a criança, participando do processo de amamentação, inclusive durante a noite, colaborando também com os afazeres da casa e com os cuidados com o bebê, demonstrando ter preocupação com a alimentação e saúde dos dois, namorada e bebê.

4.5.1. Identificando os temas abordados:

Uma nova experiência em sua vida

A partir da questão feita pela pesquisadora, Rafael inicia reconhecendo que ser pai é uma experiência nova e discorre sobre o que isto significa em termos de exigências para si.

*“Ah, essa **experiência** que eu tive é [...] Como posso te falar? Ah, é uma **coisa nova**.”*

*“entendeu, porque **estou sendo pai agora**, entendeu?”*

*“Daí **com o seu filho** já é uma **coisa mais diferente** que a dos outros, entendeu?”*

Participação no processo de amamentação

O entrevistado prontamente exalta sua participação no processo de amamentação, falando sobre o que faz e como cuida da mãe e do bebê, desde a gestação.

*“Daí eu **acordo minha namorada**, falo assim: **neném quê mamá**, ela acorda e dá mamá. O **nenê mama**, dorme de novo, **coloco no berço**.”*

Responsabilidade no cuidado com a criança e esposa

Ao falar sobre sua participação, ele introduz o tema responsabilidade do homem com a família, sendo parte dessa responsabilidade, a participação no processo de gestação e após o nascimento do filho.

*“Eu ajudo assim, eu acho que é **uma responsabilidade minha também**.”*

*“Desde a primeira vez quando fiquei sabendo que a minha **namorada estava grávida**, **acompanhava no ultrassom**. E também nas **consultas**.”*

A ajuda de sua mãe nos cuidados com o bebê

Outro tema que vem à tona é a presença de sua mãe no cotidiano do casal e da filha, recebida como ajuda e boa influência no processo. Porém, que ele aceita com limites, por sua determinação em cumprir seu papel e sua responsabilidade.

Preocupação com a qualidade do leite materno

Spontaneamente, Rafael traz ao cenário da interação a sua preocupação com a alimentação e estilo de vida da mãe, que segundo ele, podem interferir na qualidade do leite materno prejudicando a criança.

*“O que ela vai comê vai para o leite da **nenê**.”*

Atenção para a criança

Um tema significativo nas falas de Rafael é a atenção e a forma de dar atenção para a filha, especialmente nos momentos de mamada e de cuidados que ele tem com a criança. A pesquisadora observa que ao referir-se à atenção que dá à filha, Rafael dá uma pausa em seu relato e demonstra como se estivesse vivenciando aquele momento.

“Eu fico olhando ela mamar [...] Dá mais atenção pra criança.”

4.5.2. Personagens da Cena Discursiva

Na entrevista de Rafael foram destacados os seguintes personagens: namorada (mãe, esposa, ela, mãe dela), a sua mãe, bebê (ela, nenê) e o eu, no presente.

Eu – Rafael, ao referir-se a si, coloca-se sempre no presente, em suas ações e mesmo quando traz algo do passado, reitera a importância de sua ação no presente, o **eu** é reiterado como o personagem que vive o presente desse processo, sendo a experiência nova para ele que a vive intensamente, como pai e participante do processo de amamentação da filha.

*“Sim, **eu** acho. **Eu** tenho de cuidar, se precisa dar banho, trocar, **eu** tenho fazer as coisas trocar, dar banho.”*

*“**Eu** acho que é muito importante, porque é o primeiro filho meu e o que **eu** estou podendo fazê por ela **eu** estou fazendo, estar junto e ajudando [...].”*

*“Assim, na hora de amamentar, **eu** estou dormindo, **ela** também está dormindo, daí, às vezes, **eu** acordo que **eu** já sei a hora já que **ela** quer mamá também.”*

Namorada – esposa, mãe, ela, mãe dela – Rafael refere-se à mulher como **esposa, namorada ou ela**, ao relatar fatos ou ações do cotidiano em que ele e a mulher estão envolvidos em interação. Quando se refere ao papel materno, especificamente em que envolve cuidado com a criança, ele passa a denominá-la de **mãe dela**, ou seja, há uma primazia da criança em relação à mulher, em que aparece o papel de mãe que ela representa na relação familiar.

*“Junto a **minha esposa**, **minha namorada**, eu vejo isso daí, em ajudar, estar participando em tudo, estar junto com **ela**, assim, enquanto eu estou aqui sempre eu gosto de participá, das coisas, da amamentação.”*

Sua Mãe – Traz a presença da mãe, que também se encontra envolvida nesse processo e auxilia sempre que necessário, e demonstra respeito por ela, pelo fato de ser mais velha e pelo conhecimento adquirido por meio da experiência de vida.

Bebê - ela, nenê – Assim como para a mulher, ele também utiliza o pronome ela para referir-se à criança, adicionando o tratamento de bebê ou nenê quando fala da filha.

4.5.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.5.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 4A, no Anexo B)

Rafael se percebe um pai participativo que gosta de acompanhar o processo de amamentação da filha, bem como acompanhou a namorada no processo de gestação. Sente-se preocupado por assumir a responsabilidade que o papel de pai e provedor que lhe impõe, bem como de cuidador da filha e da mulher: “quando você tem o seu filho a responsabilidade é muito maior, em tudo, entendeu?”

A personificação de pai e protetor está construída no seu sentimento de responsabilidade e de crença na importância da amamentação para a criança, valorizada pela sua percepção de prazer em acompanhar a filha e sua construção de vínculo com a família, “[...] gosto assim de acompanhar, sim, primeira coisa é a amamentação da criança.” Seu senso de responsabilidade nesse papel fica claro no conjunto de suas ações, que poderão ser compreendidas nas outras categorias descritivas.

4.5.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 4B, no Anexo B)

As ações de Rafael não se restringem ao cuidado com a criança como dar banho ou trocar o bebê, mesmo inseguro em realizar alguns cuidados com a criança mas também permanece em contínua vigilância quanto às necessidades da criança, como perceber a demanda por mamada e manter-se atento à noite, enquanto a mulher repousa.

Suas ações também são de vigília que correspondem a um repertório interpretativo sobre a qualidade do leite e de como os alimentos consumidos pela mulher podem interferir na composição do leite materno, que corresponde ao seu senso de cuidado dirigido

especialmente para a criança: “Eu gosto de ficar evitando essas coisas para ela comer, para não fazer mal para criança.”

Nesse sentido, mostra-se mais uma vez o provedor e protetor, o homem que concentra em si a responsabilidade de garantir também, tanto a continuidade da amamentação como o bem-estar materno e da filha.

Em sua fala não foi possível identificar se ele percebe as repercussões do que ele faz, mas especialmente, sente-se em cumprimento do papel que se coloca prioritariamente, o de pai.

4.5.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 4C, no Anexo B)

No que tange às relações familiares, percebe-se uma centralização na figura da criança. A namorada, mãe de sua filha, aparece como uma figura secundária a qual também precisa de proteção e direcionamento. Ainda, é introduzida na cena a figura materna de Rafael, a qual aparece como avó que busca ajudar no cuidado da neta. No entanto, assumindo sua responsabilidade com a mulher e a filha, Rafael não aceita a ajuda materna.

Essa expressão do domínio masculino sobre as figuras femininas, mesmo que não deletério, mas na intencionalidade de proteção e cuidado, está justificado por uma valorização da responsabilidade e apropriação do outro como sendo “algo que lhe pertence” e, portanto: “é uma coisa que a gente tem que dar valor, assim eu gosto de dar valor as coisas que são minhas, entendeu, assim é minha filha, eu tenho de fazer de tudo para ela.”

4.6. Conversando com Pedro

Pedro é casado, 23 anos de idade, católico, tem um filho, com doze meses de idade que está sendo amamentado até no momento da entrevista. Trabalha como operador de máquinas. Sua renda familiar é de aproximadamente quatro salários mínimos. Coursou o ensino médio.

A entrevista foi realizada e gravada no domicílio, agendada segundo a disponibilidade do Sr. Pedro. Chegando a sua residência, quem atendeu a pesquisadora foi sua esposa, que gentilmente a convidou para entrar e logo chamou por Pedro. Ele, ao entrar na sala, cumprimentou a pesquisadora.

Durante a entrevista, Pedro respondia prontamente às questões, demonstrando interesse pelo assunto. Quando falava sobre o assunto, expressava um sentimento de felicidade e satisfação. Pedro mostrou-se muito envolvido com a amamentação de sua filha, participando e incentivando sua esposa a amamentar a nenê, relatando que no início teve algumas dificuldades em relação à amamentação, porém logo foram sanadas. Demonstra ser um pai participativo, atencioso e carinhoso para com a mãe e a nenê. Acredita que o leite materno é bom para o crescimento e desenvolvimento da criança.

4.6.1. Identificando os temas abordados:

Aprendizado experiência em sua vida

Com a pergunta feita para iniciar a entrevista, Pedro introduz o tema do aprendizado que o acompanhamento da amamentação trouxe para ele, como uma nova experiência.

Participação no processo de amamentação

O tema foi introduzido pela pesquisadora e logo em seguida Pedro relata sua participação, conta sobre seus cuidados com a criança e como se posiciona em relação a esse processo.

Dificuldades da esposa em relação a mamas ingurgitadas

Completando sua resposta e dando ênfase à experiência que esse processo trouxe para ele, Pedro fala de intercorrências da amamentação que provocou uma consulta no banco de leite, ao que ele denominou de dificuldades da mulher na amamentação e ele se posicionou como atuante e participativo.

*“Porque no começo ela teve **dificuldades** na amamentação.”*

Interferência da sogra

Ainda, falando das dificuldades, ele introduz a interferência que a sogra teve tentando desestimular a mulher em relação à continuidade da amamentação.

“Então ela tinha medo dela, dela não se adaptar no parque (infantil), por causa do peito.”

Amamentação: crescimento e desenvolvimento da criança.

Pedro também introduz o tema sobre a importância da amamentação para o crescimento e desenvolvimento da criança, mostrando que este fato pode influenciar na sua disposição positiva em relação à amamentação.

“Para os ossos... acho que só.”

A sua mãe como exemplo

Tanto quando dá significado para a importância da amamentação, como quando faz a defesa contra a posição da sogra, ele usa em suas falas a boa influência da mãe, como modelo para a mulher dar continuidade à amamentação. Menciona sua própria experiência de ter sido amamentado por longo tempo.

“Então eu tenho, eu tenho esse exemplo. Eu sei que foi um exemplo bom, num foi, num foi um exemplo ruim. Porque se fosse ruim também, eu ia também aconselhar, minha esposa a tira e eu vi que num foi ruim, foi bom.”

Reiterando a importância da amamentação

Discorre ainda, que por ter sido amamentado considera a amamentação como algo bom, e ao ser provocado pela pesquisadora, ele amplia o seu conceito sobre a importância da amamentação, expressando que por conta dessa prática percebe a criança como sendo apegada a ele, à esposa e à família.

4.6.2. Personagens da Cena Discursiva

Pedro traz para o contexto da entrevista, além dos personagens que mais se aproximam do processo de amamentação: a mulher e a filha, ainda, a sogra e a mãe como interferências boas ou não. Traz também em seu discurso a presença de Deus.

Eu - O “eu” a maneira de se posicionar trazendo sua experiência como parceiro e participativo, ajudando e colaborando com sua esposa no processo de amamentação, descrevendo como auxilia sua esposa.

Esposa, ela, mulher - Ao referir-se à mulher, usa de forma indistinta o tratamento de esposa e ela, para falar sobre as questões ligadas à amamentação. No entanto, modifica o tratamento, passando a chamá-la de **mulher**, quando trata de responsabilidades que ele atribui também a ela, como a de trabalhar e ajudar no sustento da casa.

*“minha **mulher** precisa trabalhar, para ajudar no orçamento de casa. Que depois dos quatro meses, minha **mulher** já tinha que voltá a trabalhar [...].”*

Ela - Da mesma forma que usa o pronome ela para a mulher, também trata a sua mãe e a sogra da mesma forma.

As qualificações do uso dessa forma de tratamento estão na diferença de atitude desses personagens, em que o **ela**, *mãe*, é evocado como modelo para sua mulher, enquanto o **ela**, *sogra*, é considerada uma barreira a ser transposta para motivar a mulher na continuidade da amamentação.

*“Assim é, **ela** não era contra assim totalmente a amamentação. **Ela** ficava preocupada. Ah, **ela** falava que era importante amamenta só até os dois meses. Que até os dois meses já estava bom, que o resto, que depois desse tempo era feio, ficava até feio a criança mamando.”*

Filha - ela, nenê - quando traz o personagem da filha relata com detalhes sobre os cuidados que realiza durante a noite.

Deus - Embora a figura de Deus seja evocada em sua fala, não está propriamente fundada em uma crença ou valor de que tenha havido uma interferência divina em sua relação, ou em sua vida, mas uma expressão que evoca um agradecimento ou fortalecimento de sua posição acerca do que pensa sobre amamentação.

4.6.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.6.3.1 A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 5A, no Anexo B)

A percepção de Pedro, do lugar onde se coloca no processo de amamentação, traz como maior significado a sua experiência e o que ela trouxe de oportunidade de aprendizado sobre a amamentação, o cuidado com a mulher e a filha.

Não expressa propriamente um sentimento definido, mas expressa o prazer por acompanhar o processo de amamentação da criança e sua possibilidade de estar próximo, participar de uma forma ativa, que pode ser apreendido nos demais temas a serem desenvolvidos.

Explica seu envolvimento com a amamentação da criança, pelo fato de ter sido amamentada até idade de dois anos. O tempo vivido, como experiência própria de

amamentação reforçada pela percepção ao longo da vida, de gozar de boa saúde, reitera sua crença na importância da amamentação, reforçando a produção de sentido sobre o processo de ser e estar promovendo uma boa condição de desenvolvimento para sua filha.

4.6.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 5B, no Anexo B)

Pedro também não faz uma autodenominação de participante do processo de amamentação, nem busca uma qualificação para suas ações junto à mulher e à filha, apenas relata a forma como se percebe compartilhando os momentos de mamada, sem considerar propriamente que sua ação constitua-se em ajuda ou participação – mas decorre da convivência com a mulher e a filha, “Á noite ela resmunga para mamar, daí eu levanto, pego e coloco ela na posição para mamar [...]. Eu pego e coloco para mamar. Eu que acerto a posição, se não está certo, a minha esposa fala: “Põe a nenê certinho para mamar”. E, eu coloco na posição certa.”

4.6.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 5C, no Anexo B)

Nesse contexto de sentido, as relações familiares significadas por Pedro evidenciam em um primeiro plano, entre o que ele denominou de barreiras para a amamentação, a interferência propositada da sogra, ao querer impor uma crença contrária a que Pedro construiu em seu tempo vivido, ou sua experiência em ser amamentado.

No entanto, não confrontava abertamente a sogra, Pedro opta por exercer sua influência na mulher agindo de forma: “para ela (a sogra), eu não falava nada. Eu só escutava e depois falava para minha mulher, que não, que o importante era ela amamentar mais , o tempo que tiver leite [...].”

Nesse espaço de convivência, dá-se a intermediação das ideias e a negociação das identidades. Pedro busca o modelo da mãe para fazer frente ao imposto pela sogra, o modelo de quem amamentou e fez dele um homem saudável graças aos dois anos de amamentação: “[...] minha mãe [...] vê também quanto foi importante ter me amamentado até os dois anos.”

4.7. Conversando com Caetano

Caetano é solteiro, 31 anos, evangélico, tem uma filha, com nove meses de idade que está sendo amamentada até o presente momento. Está cursando o nível superior. Trabalha como policial militar e sua renda familiar mensal, aproximadamente, é de quatro salários mínimos.

A entrevista foi marcada e realizada no local do trabalho da pesquisadora, devido ao fato de Caetano estudar na mesma Instituição e isso facilitou o acesso para ele. Aconteceu no dia em que Caetano tinha uma área verde, isso significa não ter aula naquele período. Durante a entrevista, Caetano dava respostas concisas, demonstrando ter conhecimento do tema e da importância da amamentação para sua filha. Relatou ser pouco participativo, pouco presente devido ao seu trabalho e estudo, deixando a responsabilidade da amamentação e cuidados da criança por conta da mulher que também estuda, mas que no momento não está trabalhando. Durante a noite, quando está em casa, encontra-se estudando ou descansando. Coloca que, nesse momento, ele tem que estabelecer algumas prioridades em sua vida, dentre elas encontram-se estudo e o trabalho, pois está pensando no futuro de sua família.

4.7.1. Identificando os temas abordados:

A participação no processo de amamentação

Respondendo à pergunta da pesquisadora, Caetano prontamente assinala que não participa. Relata que tem algumas dificuldades de acompanhar e participar no processo de amamentação, devido ao trabalho e às atividades escolares.

Amamentação: crescimento e desenvolvimento da criança

Introduz o tema, importância da amamentação, dando continuidade a sua ideia de participação, expressando que apesar de não participar desse processo, gostaria de acompanhá-lo, pois acha a amamentação importante, assim, demonstrava seu conhecimento, como estudante de medicina, sobre o aleitamento no desenvolvimento e crescimento da criança.

*“penso em **amamentação**, eu penso muito, **relaciono** bastante com **a saúde da criança**.”*

*“Então, o fato dela estar sendo **amamentada**, mesmo no período noturno, a impressão que me dá de tudo isso é que seria mais um **elemento colaborador** para o **desenvolvimento da condição da saúde** dela.”*

Afeto e vínculo com a mãe

Ainda, expressa seu pensamento em relação à amamentação, que considera ser fundamental para o desenvolvimento de afeto e vínculo entre mãe e filha.

*“A ideia de que a **amamentação é fundamental**, tanto para a saúde de nossa filha, quanto até para o próprio **desenvolvimento do vínculo** dela com a mãe.”*

Sentimento de culpa

Em continuidade ao assunto, Caetano comenta que tem um sentimento de culpa devido a sua ausência, mas que pode ser justificado pelo fato de ter que trabalhar e estudar.

Presença do pai atrapalha o processo de amamentação

Introduz ainda um tema sobre sua participação na amamentação, colocando que percebe a sua presença como algo que pode atrapalhar o processo, pelo fato de chamar a atenção da criança e interromper a mamada. Isso é uma das razões que também o mantém mais distante desse processo.

4.7.2. Personagens da Cena Discursiva

No cenário do processo de amamentação da filha, vivenciado por Caetano, os personagens evocados por ele estão na figura da mulher da filha.

Eu - Caetano expressa um “**eu**” no presente e no futuro, que se coloca na posição de estar ausente no presente para poder propiciar um futuro melhor para a família. O momento vivido é um cotidiano centrado nas suas atividades com vistas a transformações para o futuro.

Ela, Ana - A mulher é evocada para que ele possa explicar suas ações e pensamentos sobre o processo de amamentação e como se dá a relação da filha com a mãe, chamando-a pelo **nome** ou por **esposa**. Não há uma distinção de tratamento que possa também, demonstrar distinção de personagens diferentes na visão desse homem.

Ela, a criança – Caetano também usa o pronome **ela** para se referir à filha, nominada por filha, com quem se relaciona, porém sem demonstrar uma aproximação muito estreita.

4.7.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.7.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 6A, no Anexo B)

O contexto de trabalho e de estudo conduz Caetano a se posicionar como observador e provedor. Em sua percepção, não participa como gostaria, pois está ausente do ambiente doméstico por muito tempo, devido ao trabalho e aos estudos.

Nos poucos momentos de presença no lar, coloca-se a distância como observador, receioso de que sua presença provoque a interrupção da mamada, seja por sua presença despertar o interesse da filha ou pela possibilidade de irritá-la. Nesse sentido, a vivência do tempo curto, que representa o tempo da vivência atual, Caetano toma seu repertório atual de interação frustrada com a filha, no momento da mamada para se colocar a distância, construindo o sentido de pai observador e temeroso de ser um elemento que possa provocar efeito negativo no andamento da amamentação.

Em sua posição de homem provedor de recursos para a família, a sua ausência é justificada e sua pouca participação também. Sua posição de provedor é ampliada para o momento presente, um tempo curto da vivência dessa fase de vida, e o futuro, para o qual trabalha e estuda, prevendo uma vida melhor para a mulher e filha, nesta posição percebe-se o pai e o companheiro provedor.

No entanto, apesar de sua firmeza na crença de que sua pouca participação no contexto familiar é justificável, Caetano expressa o sentimento de culpa que é construído não só pela percepção de ser um pai ausente ou que permanece a distância, mas por não poder se certificar de que a criança está sendo atendida plenamente em suas necessidades. Apesar de expressar sua confiança na mulher, Caetano reforça, com esse tipo de preocupação, o seu papel de homem provedor que deveria dar conta de certo modo, supervisionar o atendimento das demandas da criança, quando coloca que “gostaria de estar perto, acompanhar todo esse processo, mesmo porque a genteé, em função das coisas que a gente acaba conhecendo, sabendo da importância da amamentação.”

Por outro lado, expressa também “ciente da construção do afeto, né, o próprio desenvolvimento, da condição física da criança, sabendo que a amamentação tem toda essa importância, o fato de estar presente, observando essa evolução seria muito importante. Eu sinto um pouco por não tá presente nesses momentos.” Assim, sua percepção de perdas com suas ausências, deve-se também ao seu repertório lhe propicia atribuir importância da

amamentação na construção de vínculo com a criança, o que poderia estar sendo prejudicado pela sua distância desta vivência da filha.

4.7.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: O que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 6B, no Anexo B)

Em sua posição de observador e provedor, Caetano não expressa nenhuma participação mais ativa nesse contexto de sentidos sobre o processo de amamentação da filha. Em seus momentos de permanência no ambiente doméstico, ocupa-se de seus estudos e mesmo nas madrugadas, em sua vigília, explicita sua posição vigilante e distanciada, observando a mulher e a criança no quarto enquanto dormem.

Não expressa percepção de repercussões dessas posições ou distância, pois está imbuído, do conceito anterior que justifica esta condição pela promessa futura de melhor qualidade de vida, assim, “por outro lado também imagino que a justificativa de não estar presente, também seja bastante razoável e válida... pelo fato de estar podendo propiciar, tanto para a Ana enquanto mãe, tanto para ela (filha), uma condição melhor no futuro.”

4.7.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 6C, no Anexo B)

Caetano não descreve como se dá as relações familiares, seus personagens foram a mulher e a filha e delas, apenas expressa a expectativa que a mulher “ela até acaba me perdendo, mais se possível eu gostaria de estar acompanhando mais e sempre que posso, eu estou, presente.”

4.8. Conversando com Alberto

Alberto é casado, 31 anos de idade, católico, tem um filho que, no momento da entrevista estava sendo amamentado e na presente data contava com onze meses de idade. cursou o nível superior incompleto. Trabalha como frentista de posto de gasolina. Sua renda familiar mensal é de, aproximadamente, quatro salários mínimos.

O encontro foi marcado por telefone e realizado na casa de Alberto, onde prontamente recebeu a pesquisadora. Durante a conversa, a esposa e o filho foram para a casa

vizinha, para não interferir na conversa. Alberto manteve o mesmo tom de fala durante toda a entrevista.

Mostrou-se inexpressivo ao relatar sua experiência. Demonstrou ser um pai pouco participativo no processo de amamentação, inseguro quanto aos cuidados relacionados à criança, tem ciúmes do relacionamento da mãe com o filho. Diz que apoia a amamentação, apesar das dificuldades relacionadas a esse processo.

4.8.1. Identificando os temas abordados:

Participação no processo de amamentação

A pesquisadora introduz o tema por meio da questão norteadora e Alberto discorre sobre sua participação, considerando ser contínua e intensa, falando sobre o que faz e como considera ser esta participação, no processo de amamentação do filho.

*“E até hoje a gente dá uma força, eu não acordo tanto quanto antes, **mas continuo acordando**, sempre que ele **chora eu acordo** para vê se tá tudo certo.”*

Casal sentiu inseguro quando o bebê nasceu

Dando continuidade as suas considerações sobre a sua participação, coloca o tema da insegurança do casal sobre os cuidados com o bebê e que, apesar de sua insegurança e desconhecimento, ele se via na condição de ter de ajudar e dar apoio à mulher.

Mudanças no relacionamento do casal

Na sequência de sua fala, sobre a importância da amamentação, Alberto dá outra conotação sobre essa vivência, observa na amamentação um lado ruim e motivado pela pergunta da pesquisadora, sobre o que seria isso, ele revela a mudança no relacionamento do casal por conta da prática da amamentação.

Sentindo-se excluído e com ciúmes

Em decorrência do exposto, Alberto também relata seus sentimentos acerca de sua posição no relacionamento com a mulher e com a criança, em que não se percebe fazendo parte dessa relação. Refere que houve uma crise no relacionamento do casal a ponto de ocorrer a separação, que foi contornada com a ajuda e apoio de familiares.

Importância do leite materno para a criança

Ponderando, de uma forma espontânea, diz que tanto ele quanto a esposa têm conhecimento sobre a importância do leite materno para a criança e não interferiu na continuidade da amamentação.

*“e ela tem a orientação de que o leite materno, todo mundo sabe que o leite materno é importante até com dois anos, então a gente vai fazê de tudo pra **continuá dando** até ela aguentar, ou secar o leite dela.”*

4.8.2. Personagens da Cena Discursiva

No decorrer da entrevista, para expor a sua experiência, foi possível perceber que Alberto referia-se aos outros personagens que estavam envolvidos nesse processo, utilizando formas distintas de nominá-los, como: esposa (ela, dela), filho (ele, criança), família (pai e mãe) e Deus.

Eu - Na entrevista, Alberto se coloca como um “eu” no passado, denotando que houve uma fase da amamentação em que ele se sentiu mais participativo, envolvido, bem como mais atingido por esse processo. Contou como era sua participação e as ações por ele desenvolvidas. No momento, apesar de a criança ainda ter mamadas esporádicas, ele não se coloca na mesma posição de antes semelhante a de quando, havia mamadas mais frequentes.

Apesar de se sentir participativo no processo, desenvolvendo ações de cuidado, compartilhando o cuidado com a criança, também aparece um “eu” inseguro que não consegue avaliar o grau de ajuda e de efetividade de sua participação:

A gente - Alberto também se referia a ele mesmo como **a gente**, quando se reportava à sua posição durante a crise do relacionamento conjugal, ou ainda quando relatava sobre o casal.

Ela, dela, mulher - Em sua fala, Alberto, referia-se à esposa como **ela** e **dela**, quando falava da sua dedicação ao filho e à amamentação, ou mesmo ao conhecimento que ela demonstrava ter sobre esse processo. No entanto, ao se referir à esposa, quanto ao papel dela no relacionamento do casal, ou sua capacidade de dar conta das atribuições referentes aos afazeres domésticos e papel conjugal, ele usava a palavra **mulher**.

*“**Ela** trabalha de manhã, ou seja, não dormia à noite, acredito que desde quando **ele** nasceu, **ela** não dormiu ainda.”*

Ele - O filho é aqui evocado indistintamente como personagem objeto de cuidado sendo nominado de **ele**.

*“Olha, **ele**, sempre foi muito guloso, então **ele** acordava cinco, seis vezes por noite.”*

A família, pai e mãe - Esses personagens aparecem no relato como aconselhadores, pessoas que deram apoio ao casal no momento de crise conjugal e ajudaram no restabelecimento da relação.

Deus – Deus aparece relacionado à crise do casal em que a manutenção do casamento é agradecida, sem que este agradecimento esteja, necessariamente, revestido de religiosidade. Deus é evocado para fortalecer uma posição de reconhecimento de que foi bom o casal manter o relacionamento.

4.8.3. Dando sentido ao papel do homem no processo de amamentação:

4.8.3.1. A posição do homem no processo de amamentação: como ele se posiciona, como ele se sente e como ele explica. (Quadro 7A, no Anexo B)

Alberto se coloca na posição do pai participativo, atuante nas mamadas e fazendo sentir sua presença em momentos diversos na vida familiar, especialmente no processo de amamentação.

No entanto, ao refletir sobre suas ações também se contradiz, dizendo que “eu fazia só isso, eu ficava do lado dela e só pra ela num dormi mesmo, ficava conversando, eu também tinha que acordar cedo na manhã, sabe, então minha participação não foi tão grande.”

A qualificação da participação nesse contexto de sentidos sobre seu processo de vivenciar a amamentação do filho também é perpassada pelos seus sentimentos de insegurança, necessitando de ajuda, mas tendo de ser provedor de condições para a mulher, sendo uma fonte de estímulo e incentivo para ela amamentar.

Por outro lado, expressa orgulho da mulher ser persistente na amamentação e cuidado com o filho, mas sente ciúmes. Na perspectiva desse contexto de sentidos, Alberto evidencia versões compartilhadas de identidades sociais, o pai participativo, porém o homem que se sente excluído e ressentido das atenções que a mulher dispensa ao filho.

A negociação e o conflito são persistentes na vivência de Alberto, o sentimento do **homem** da perda da companheira e ao mesmo tempo o orgulho do **pai** de ter o filho bonito e saudável. O ciúme e exclusão não se presentificam na figura da parceira apenas, mas também na figura do filho que se mostra apegado à mãe, deixando o **pai** excluído de seu universo afetivo. Assim, é percebido por Alberto, “Às vezes eu acho que ele nem sabe que eu sou o pai dele, porque ele só quer ela [...].”

4.8.3.2. As ações do homem no processo de amamentação: o que ele faz e como percebe a repercussão do que faz. (Quadro 7B, no Anexo B)

As ações realizadas por Alberto, que expressam sua participação, estão representadas na execução de tarefas domésticas com o cuidado de higiene da casa, louças e alimentos. Também, cuidados com o bebê, o que dá o sentido que “a gente vai se organizando [...].”

Com base em tais ações, Alberto quer dizer “Então, eu apoio 100% a amamentação.”

No entanto, sente que mesmo tendo uma participação ativa nas atividades domésticas e sendo um pai presente, percebeu que o papel da mulher é muito mais ampliado, pois “[...] apesar de eu ajudar em casa, não é igual ela [...].”

4.8.3.3. As relações familiares no processo de amamentação: como descreve as relações e o que fazem as pessoas. (Quadro 7C, no Anexo B)

Nesse contexto revelado por Alberto, um dado importante na relação do casal foi a interferência que ele atribuiu à amamentação, como elemento de desagregação conjugal. A presença da criança no mesmo quarto do casal e a dedicação da mulher ao filho provocaram o conflito e ciúmes, o sentimento de exclusão que evoca o **homem** que busca sua parceira conjugal, quando interpretava que “ela não tava nem fazendo o serviço de casa, nem fazendo o papel de mulher nem de, só tava cuidando dele...”. Emerge, assim, a visão masculina de Alberto sobre a condição feminina de desempenho de múltiplos papéis, que a mulher não estava sendo capaz de desempenhar plenamente, ou de negociar no micro contexto familiar.

Assim, Alberto se colocava nessa relação, na negociação de papéis, buscando equilíbrio entre o homem e o pai, pois admitiu que “Algumas coisas a gente espera para dar prioridade a quem está precisando naquele momento (o filho) [...].”

Também, nesse contexto, a presença de familiares, como os pais de Alberto, entrou em cena na qualidade de aconselhadores dando ao casal a chance de rever a situação e buscar a reconciliação.

5. COMPREENDENDO OS SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO: UMA POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO SOBRE O TEMA

Ao buscar compreender a produção de sentidos do homem, sobre sua participação no processo de amamentação de seus filhos, é preciso considerar que encontramos um olhar sobre o aleitamento materno na perspectiva masculina, que firmados nos conceitos de Spink e Menegon (2004, p.237), permite-nos apontar que “o homem se constituiu no outro que dá sentido a um fenômeno que não faz parte de sua biologia.” Assim, o sentido atribuído ao processo de vivenciar o aleitamento do filho, está pautado no cotidiano desses homens, vivenciando as situações diárias com a mulher e os filhos, bem como com outros membros da família que, de alguma forma, se inserem nesse contexto de sentidos da experiência de amamentação.

Da mesma forma, as práticas discursivas que compõem seu cotidiano, tanto em termos do tempo vivido como do aqui agora, e de todos os demais elementos culturais, históricos e sociais, que localizam a paternidade, timbrada nos papéis que o homem desempenha na sociedade, constituem o vasto universo de suas relações e interações, mas que quando se focaliza as suas experiências na amamentação de seu filho, localiza-se nas relações imediatas com os atores principais desse processo, mãe e filho. Fica claro que os sentidos não se dão apenas no contexto como espaço social em que esse processo se dá, mas também concorrem para suas definições, uma perspectiva temporal de suas experiências.

Embora exista para a maioria dos homens desse estudo, um movimento impulsionado pelos sentidos de participação ativa no processo de amamentação do filho, ainda resta na perspectiva de alguns, uma possível “brecha” de ausência ou distanciamento circunstancial, justificado, por ser interiorizado e naturalizado para esses homens, o papel exclusivo de responsabilidade feminina pelos cuidados com os filhos, família e no mais específico do objeto deste estudo, a amamentação. Podemos considerar, que nesse aspecto, os resultados deste estudo se aproximam dos encontrados por Serafim (1999), cujo estudo mostrou que, embora os pais expressassem interesse nos cuidados com os filhos, muitos deles ainda mostraram acreditar que a mulher é responsável pela amamentação e pelos cuidados com o bebê. Da mesma forma, Piazzalunga e Lamounier (2011) trazem em resultados de seu estudo que os homens consideraram as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos de competência exclusiva da mulher.

Vimos também, que o homem se coloca em diferentes posições nesse processo, como pai, como companheiro, como parceiro conjugal e da mesma forma percebe a mulher

em diferentes localizações, seja no contexto privado ou público, assumindo o papel de mãe, de mulher que partilha com ele a construção da família, trabalhadora e sua parceira conjugal. Nesse contexto de sentidos, a negociação de identidades sociais nos permite compreender a complexa rede de relações e de sentidos que mobiliza os homens para ações proativas no espaço social em que a ação se realiza, ou posições mais espectadoras e menos ativas.

Dessa forma, a percepção desses homens, em sua maioria, é de que acompanhar o processo de amamentação do(s) filho(s) representa uma experiência marcante, seja pelo significado que a vivência de estar junto da mulher e do filho traz, seja pela necessidade de aprendizado e de superação de dificuldades que possa se apresentar para cada um deles.

Seja como for, o que fica claro é o reconhecimento da expectativa de participação do homem na vida da mulher e do filho, conjugando ações e atitudes que mostram não só o desejo de fazer parte da experiência de mãe e filho, mas também, demonstrar que sua presença é uma forma de cumprir com as responsabilidades de pai e de companheiro.

Em suas maneiras de expressar o cotidiano, os homens mostram que muitas de suas ações estão determinadas pela situação que vivenciam e pela convivência atual, no espaço social que ocupam ou naquele contexto de interações. Assim, são capazes de dividir o tempo e aproveitar seus momentos de presença no lar para realizar tarefas no lugar da mulher.

Seu sentido de pai participativo passa pela percepção de que as tarefas que realiza, no cuidado com o bebê em amamentação ou com os outros filhos, ou ainda, com afazeres domésticos, como cuidar da roupa ou do alimento, da higiene da casa, são ações que o qualificam como agente de facilitação do trabalho da mulher e da realização do papel do materno, especialmente como nutriz.

Nesse sentido, os resultados deste estudo são acordes com os de Müller e Silva (2009), em que tais ações mostram uma mudança social do exercício da paternidade, pois a realização de certas tarefas domésticas e o compartilhamento do cuidado com o filho exibem a forma mais ativa do homem sentir-se partícipe do processo de amamentação e criação da família.

Nossos resultados também reiteram os encontrados por Piazzalunga e Lamounier (2011). Eles afirmam que os pais estavam presentes na fase de amamentação dividindo as tarefas domésticas, auxiliando nos cuidados com a criança e dos demais filhos e ajudando a colocar o bebê no seio materno, enfim, dando apoio e incentivo a mulher. Ainda, os mesmos autores concluem que o pai tem um papel importante no processo de amamentação de seu filho, principalmente nos primeiros dias após o parto, devido às dificuldades que possam

ocorrer como as fissuras, ingurgitamento mamário, interferência das avós, entre outros que poderão levar ao desmame precoce.

Por outro lado, observamos, neste estudo, que o papel de provedor, de responsável por manutenção da casa e da família, também ocupa o espaço, colocando o homem na posição que o retira do ambiente privado, condição determinada por pressões mais substanciais da sociedade e do seu papel masculino. Em algumas situações, isso não foi empecilho para o homem se sentir no contexto, considerando que sua participação depende da disponibilidade de seu tempo no ambiente doméstico.

Mesmo com intensidade ou frequência diferentes, ou tipo de ações realizadas pelos homens, eles, ao darem um sentido para seu papel nesse processo, enunciam, seja pela sua própria voz ou pelas interações percebidas com o bebê, ou ainda, pela voz da mulher, trazida ao contexto do discurso proferido pelo homem, que em suas ações junto à mãe e ao filho, eles se fazem presentes. Estar ao lado, ou seja, meramente estar perto, ajudar a colocar o bebê no peito, manter-se acordado durante a mamada noturna, entre outras ações, pode-se interpretar como apoio *psicológico*.

Estar presente significa mais do que a presença física, para esses homens significa a demonstração de disponibilidade de ajudar quando e como for possível, aliviando as tarefas e fazendo *por, ou pela mulher* e não apenas *para* ela. Embora, ainda assim, seja possível observar que o papel central é da mulher, no que tange a todas as atividades no lar e com a família.

Em estudo realizado por Cruz *et al.* (2011), observou-se que a maioria dos pais tem uma preocupação em auxiliar, e dar apoio a suas esposas, entretanto, notou-se a existência de pais que não se percebem fazendo parte desse contexto, referindo ser uma tarefa exclusiva da mãe. Isto corresponde a uma estrutura social mais tradicional, pelo menos um dos homens se sente não tão participativo, em função de uma realidade que se torna impeditiva de sua disponibilidade para estar presente, mas busca compensar sua ausência física ou compartilhadora, assumindo um papel de provedor atual e futuro para a família, embora a esposa tenha atividade remunerada.

Este tipo de posicionamento do pai, como provedor, também é encontrado nos resultados do estudo de Piazzalunga e Lamounier (2011), ao observar que alguns homens ainda se sentem os únicos responsáveis pelo sustento da família, mesmo quando ocorre divisão de responsabilidade financeira e dos afazeres domésticos.

Nesse contexto, são muitos os sentimentos expressos pelos homens, seja de gratificação pela experiência de sentir que contribuem para que a amamentação se realize,

pela interação que percebem estabelecer com o filho pela oportunidade de maior proximidade ou pelo fato de sentirem-se coadjuvantes nesse processo, colaborando para um fim comum, o qual eles acreditam ser o melhor para o filho.

Na prática discursiva desses homens, é possível identificar um repertório interpretativo construído por experiências próprias de amamentação ou por meio das vozes de profissionais, evocadas para dar significado ao que acreditam sobre o aleitamento materno, reproduzindo um conhecimento veiculado socialmente sobre o assunto.

Nesse sentido, percebe-se também a influência da mãe ou da sogra tanto no reforço da crença da importância da amamentação, como na possível interferência, buscando provocar a interrupção do aleitamento, ao que o homem pode reagir com a força de sua crença na importância da amamentação.

O tema que é trazido nas vozes das avós, é também visitado por Susin *et al.* (2005). Esses autores encontraram uma associação entre as avós maternas e menor duração do aleitamento, sem, contudo evidenciar os elementos determinantes para tal, e não encontraram associação entre avós paternas e o tempo de aleitamento, significativas. No entanto, evidenciou-se que elas têm um papel importante na aprovação do aleitamento materno.

Entretanto, ao largo das influências de avós, acreditar e valorizar o aleitamento materno parece ser uma mola propulsora em constante produção de estímulo para a participação do pai nesse processo. Do lugar que ocupa como pai ou parceiro presente, torna concreto seu desejo de que a mulher consiga amamentar o filho e o faça, já que a ele cabe o estímulo para que isso aconteça, sendo que a oferta do peito é possibilidade única da mulher. Paula *et al.* (2011) também encontram resultados similares.

Segundo Rempel e Rempel (2011), muitos pais se identificam em seus papéis como membros de um time para garantir que os bebês recebam os benefícios do aleitamento materno, fornecendo suporte à nutriz, encorajando-as e assistindo-as nessa fase. Nesse estudo, também foi identificado que o papel desempenhado pelo homem *presente* envolve uma relação pai filho positiva, já que as oportunidades de vinculação dos homens com seus bebês através da alimentação são limitadas.

No entanto, também aparecem os sentimentos contraditórios, provocados especialmente pelas necessidades de vigília noturna, ou ainda a insegurança motivada pela in experiência em lidar com as dificuldades da amamentação.

No estudo realizado por Pisacane *et al.* (2005) observou-se que crianças, cujos pais estavam preparados para acompanhar a mulher na amamentação, tiveram um índice de amamentação exclusiva até os seis meses de idade, em relação aos filhos de pais que não

receberam as orientações. Já no estudo de Paula *et al.* (2010), encontrou-se que os pais que não receberam orientações sobre amamentação, mostraram-se desintegrados em relação ao processo gestacional e ao processo de amamentação. Ao que o estudo de Serafim (1999) acrescenta quando traz resultados que mostram que o pai orientado poderá ajudar de forma concreta a mãe no processo de amamentação. Pontes *et al.* (2009) reiteram que o desenvolvimento da afetividade paterna pelo filho o leva a maior participação e envolvimento na amamentação e cuidados com a criança.

Da mesma forma que o homem que se sente presente, mostra-se gratificado e integrado nesse processo, o homem que se percebe ausente e distante, do microespaço social mãe e filho, expressa o sentimento de culpa pela não participação, mesmo que reitere as motivações que acredita serem justas para sua ausência, ou seja, sua indisponibilidade provocada por atividades laborais. Apreende-se que as malhas sociais que impingem ao homem sua presença no espaço público não estão excluindo a internalização do desejo masculino por um reposicionamento no microcontexto do lar, a de sua presença mais atuante no ambiente doméstico.

Também Castelain-Meunier, 1993; Cavelier, 2004; Silveira, 2004, encontraram em seus estudos, resultados que levam a crer que o processo de amamentação pode gerar ansiedade e sentimentos de culpa nos pais.

Assim, coadjuvar o processo de amamentação significa um marco na vida do homem, por isso, discutir aspectos relacionados à amamentação e ter subsídios para reconhecer e minimizar suas dúvidas e inquietudes podem ajudá-lo a ter melhores condições para apoiar sua companheira.

O apoio e disponibilidade do homem para suprir as necessidades da mulher e da criança também correspondem à percepção paterna de que sua presença nesse processo envolve um movimento de maior integração familiar. A vivência cotidiana de inserção de todos, pai, mãe e filhos, como um círculo virtuoso de ajudas e colaborações, simbolizado pelo que representa a interação materna e filial no ato de amamentar, também estimula a integração dos que compartilham a cena da amamentação, sendo esta a expressão presentificada na prática discursiva dos participantes desse estudo, em sua maioria. No entanto, a integração referida não excluiu uma disputa de papéis desempenhados por homem e mulher, pai e mãe nessa vivência de amamentação.

Assim, considerando os pressupostos adotados neste estudo, cujo cerne se baseia na produção de sentidos, também toma relevância na significação do lugar ocupado pelo homem

no processo de amamentação a negociação de papéis, explicitada pelas interações efetivas na dimensão conjugal.

Se por um lado a amamentação interfere no relacionamento do casal positivamente pelo prazer que o filho traz ao casal e possibilidades de aproximação, parceria e intimidade, por outro lado, para outros homens, a amamentação representa um obstáculo à intimidade do casal. O mesmo foi advogado por Barreira e Machado (2004) por terem encontrado a mesma percepção em estudo desenvolvido por elas.

Nesse âmbito, é evidenciado o sentimento de exclusão ou de ressentimento, quando o homem percebe sua posição de parceiro conjugal ameaçada pela dedicação intensa da mulher ao filho. Nesse contexto, o sentimento ambíguo, emergido na disputa de papéis de pai e de homem, destaca a presentificação da mulher na sua prática discursiva, ora como a mãe de seu filho que carece de sua proteção e ajuda, ora como a parceira conjugal que se ausenta de suas *obrigações* como mulher.

É possível concordar com Brito e Oliveira (2006), pois afirmam que o nascimento de um filho pode significar virilidade para o homem e seu grupo social, como também poderá ser uma ameaça, o filho passa a figurar como um rival do pai. Segundo Abuchaim e Silva (2006), há elementos, como o distanciamento físico e sexual do casal devido à sobrecarga da mãe para atendimento das necessidades da criança, a presença do bebê no mesmo quarto ou até na mesma cama do casal. E ainda, a percepção do homem de que suas necessidades estão sendo desconsideradas, podendo, assim, deteriorar a relação marital (Bruto *et al.*, 2004-2005).

No entanto, mesmo com a experiência de sentimentos de exclusão ou de perda da companhia da sua parceira conjugal, sobressai na experiência dos homens, deste estudo, o sentimento de integração e valorização da sua presença no processo de amamentação. Embora, para alguns, fique mais confortável a posição do pai que observa o processo, preservando especialmente seu espaço masculino, por ter na esfera privada o domínio feminino das atividades domésticas. Mesmo assim, é possível considerar o estudo de Brito e Oliveira (2006), em que o valor afetivo para o homem tem o envolvimento de muitos sentimentos, sendo um deles, o bem-estar dentro do contexto familiar.

Nesse sentido, a experiência do homem no processo de amamentação mostra uma significativa transformação do papel masculino evoluindo ao longo do tempo e propiciando a participação mais efetiva do homem aos lugares de onde antes ele se ausentava pelas pressões sociais, historicamente e culturalmente localizadas no tempo e nos espaços de construção das práticas sociais.

Para esses homens, participantes deste estudo, os sentidos de participação e presença no contexto de sentidos, assumem caráter de importância que qualifica sua posição paterna, sua possibilidade de construção de relações efetivas e interações significativas com filhos e reiteração dos laços afetivos e conjugais. Nesse universo, embora a amamentação possa ser o processo esperado na sua experiência paterna, torna-se também um universo de oportunidades de interação e integração familiar e de reconhecimento da figura paterna que vai além do homem provedor de recursos, embora para alguns, ainda esta personagem resista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que o subtítulo acima mencione as considerações finais, não é possível compreender este estudo como um resultado definitivo sobre a produção de sentidos dos homens em relação à sua experiência de con-viver o processo de amamentação de seus filhos.

É necessário, antes de mais nada, recuperar as limitações do estudo e seu desenvolvimento.

Embora o modelo adotado nos permita limitar o número de participantes que nos estimulou a reflexões aprofundadas de suas experiências, de forma particularizada, porém, explorando ao máximo suas formas e maneiras de dar voz aos seus sentidos, não importando se ocorre repetição destes sentidos, ainda assim, consideramos ser necessário o avanço da compreensão da experiência dos homens.

Apesar disso, os resultados deste estudo trazem uma visão importante sobre a vivência masculina que deve ser considerada para a assistência, ainda centrada na figura da mulher e de uma família genérica, na qual não se localizam as posições ocupadas e os papéis desempenhados na intimidade do lar e na individualidade de seus integrantes.

O homem sofre, emociona-se, alegra-se e se entristece, enfim, vive o processo dentro de suas possibilidades objetivas de tempo e de espaço social. Isto ocorre, porque ainda permanece no que concerne ao seu posicionamento de pai e de homem, de parceiro ou de provedor da família, impulsionado pelo que lhe dá satisfação e ou pelas pressões sociais, que parecem trazer encerradas em si as mesmas ambiguidades dos sentimentos paternos e masculinos, embutidos na identificação dos papéis que esse homem desempenha, ora de pai zeloso, ora de provedor e protetor distante, ora de parceiro compreensível ou amargurado pelas suas perdas concretas ou simbólicas em suas relações.

Assim, se a sua participação no processo de amamentação dos filhos inclui sua habilidade de cuidar, de preservar facilidades para dar oportunidade da mulher exercer sua função de nutriz, está evidente que esse homem precisa de instrumentos para expor, de forma mais clara, suas necessidades e demandas de conhecimento e de auxílio para sentir-se preparado e disponível para participar deste processo.

A sociedade, que ainda impõe à mulher uma alta carga de responsabilidade de cuidados com a família, também precisa olhar para a experiência dos homens e prepará-los para a paternidade e para a sua participação na construção do ambiente doméstico

colaborativo, lugar onde os parceiros possam ter disposição e amparo para exercer não suas obrigações, mas suas posições naturais de forma prazerosa e feliz.

REFERÊNCIAS

- Abuchaim ESV, Silva IA. Vivenciando a amamentação e a sexualidade na maternidade: “dividindo - se entre ser mãe e ser mulher”. *Rev. Ciência, Cuidado e Saúde*. 2006; 5(2): 220-228.
- Aragaki IMM, Silva, IA. Percepção de nutrizes acerca de sua qualidade de vida. *Revista da Escola de Enfermagem da USP (Impresso)*. 2011; (45): 71-78.
- Almeida JA. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1999.
- Avery AB, Magnus JH. Expectant father's and mother's perceptions of breastfeeding and formula feeding: a focus group study in three US cities. *J Hum Lact*. 2011; 27 (2): 147-154.
- Badiani R, Camarano AA. Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, ABEP, 1998. p. 925-943.
- Barreira S M C, Machado M F A S. Amamentação: compreendendo a influência do familiar. *Acta Scientiarum. Health Sciences*. 2004; 26(1): 11-20.
- Berquó E, Cukier R, Spindel CR, Rea MF. Caracterização e determinantes do aleitamento materno na Grande São Paulo e na Grande Recife. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cadernos CEBRAP, Nova Série, 2), 1984.
- Brait B. Bakhtin e a Natureza Constitutivamente Dialógica da Linguagem. In: Brait, Beth (Org.). Bakhtin: dialogismo e construção de sentido. Campinas: UNICAMP, 1997. p.91-104.
- Brasil. Ministério da Saúde. Assistência pré-natal: Manual técnico. 3ª ed. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde – SPS/Ministério da Saúde, 2000. 66p.
- Brasil. Ministério da Saúde. Assistência pré-natal: normas e manuais técnicos. Brasília. Secretaria de Políticas de Saúde – SPS/Ministério da Saúde, 1998.62p.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 [Internet]. Brasília, Brasil; 1996 [citado 2007 set. 14]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação de Proteção Materno-Infantil da Secretaria de Assistência Médica. Programa de Saúde Materno Infantil. Brasília, 1974.
- Brasil. Ministério da Saúde. Descentralização das ações de saúde. A ousadia de cumprir e fazer cumprir a lei. Brasília; 1993.
- Brasil. Ministério da Saúde. Indicadores de morbidade e fatores de risco [Internet]. Brasil: Rede Interagencial de Informações para a Saúde; 2003. [citado 2005 Out. 20] Disponível em: <http://www.saude.gov.br/ripsa>.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência Médica. Coordenação de Proteção Materno-Infantil. Programa de Saúde Materno-Infantil – bases programáticas. Rio de Janeiro. 1975.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II Pesquisa de Prevalência do Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 199p.

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 322, de 26 de Maio de 1988. Aprova as Normas Gerais para implantação e funcionamento de Bancos de Leite Humano. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 99, p. 9527-9528, 27 jul. 1988. Seção I.

Brito RS, Enders BC, Soares VG. Lactação materna: a contribuição do pai. Rev Baiana Enferm. [Internet] 2004-2005; (19) [acesso em 15 maio 2011] Disponível: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/3895/2858>

Brito RS, Oliveira EMF. Opinião do pai sobre o aleitamento materno. Rev. RENE; Jan-Abr 2006; 7(1): 9-16.

Canesqui AM. A saúde da mulher em debate. Revista Saúde em Debate. 1984; 15(16): 29-36.

Castelain-Meunier C. Fiquem ligados papais: os homens diante da mulher e dos filhos. São Paulo: Summus; 1993. 128 p.

Cavelier MS. Por qué perciben algunos hombres lactancia materna como una amenaza? Barreras psicológicas masculinas a lactancia materna. [online] 2004. [acessado em: 2004 abr. 15]. Disponível em: www.aleitamento.org.br/arquivos/pai.htm.

Cruz D, Rocha I, Marques D, Souza I. Percepção da Figura Paterna Frente ao Aleitamento Materno.[online] 2011. [acessado em: 22 Jun.2012]. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/cogitare/article/view/25441/17063>.

Davies B, Harré R. Positioning and personhood. In: Harré R, Van Langenhove L. (Orgs.). Positioning theory: moral contexts of intentional actions. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p. 32-52.

Dick MJ, Evans ML, Arthurs JB, Barnes JK, Caldwell RS, Hutchins SS. e col. Predicting early breastfeeding attrition. J Hum Lact. 2002; 18(1): 21-8.

Duarte GA, Alvarenga AT, Osis MJD, Faúndes A, Sousa MH. Participação masculina no uso de métodos contraceptivos. Cad. Saúde Pública. 2003; 19(1): 207-16.

Falceto O G, Giugliani E R J, Fernandes C L C. Couple's relationship and breastfeeding: is there an association? J Hum Lact. 2004; 20(1): 46-55.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano [Internet]. Rio de Janeiro, Brasil; 2012 [citado 2012.jul. 11]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/redeblh/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

Galastro EP. O lugar dos homens em um serviço de saúde reprodutiva - uma análise de gênero. 2005. 151f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Galastro EP, Fonseca RMGS. A participação do homem na saúde reprodutiva: o que pensam os profissionais de saúde. *Revista Escola de Enfermagem da USP*. 2007; 41(3): 454-59.

Gergen, K. The social constructionist movement in modern Psychology. *American Psychologist*. 1985; 40(3): 266-275.

Harré R, Van Langenhove L. The dynamic of social e pisodes. In: Harré R, Van Langenhove L. (Orgs.). *Positioning theory: moral contexts of intentional actions*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p.01-13.

Jacobi P. *Movimentos Sociais e Políticas Públicas - Demandas por Saneamento Básico e Saúde, 1974-1984*. São Paulo: Cortez; 1989.

Lehr U. O papel materno e paterno na socialização precoce da criança. In: Prill HJ, Langen D. *O caminho psicossomático para a prática ginecológica*. São Paulo: Roca; 1985. p.167-181.

Littman H, Medendorp SV, Goldfarb J. The decision to breastfeed: the importance of fathers' approval. *ClinPediatr*. 1994; (33): 214-9.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec; 2006.

Monteiro CA, Rea MF, Victora CG. Can infant mortality be reduced by promoting breastfeeding? Evidence from São Paulo city. *Health PolicyPlan*. 1990; (5):23-29.

Müller FS, Silva IA . Social representations about support for breastfeeding in a group of breastfeeding women. *Revista Latino-Americana de Enfermagem (USP. Ribeirão Preto. Impresso)*. 2009; (17): 651-657.

Mundigo AI. Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade. *Conferências Internacionais sobre população*. Fundação MacArthur. São Paulo, 31 de julho de 1995.

Nagahama EEI, Santiago SM. The medical institutionalization of child birth in Brazil. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2005; 10(3): 651-657.

Nakano AMS. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser “o corpo para o filho” e de ser “o corpo para si”. *Cad. Saúde Pública*. 2003; 19 (Supl 2): S355-S363. .

Nakano AMS. *O aleitamento materno no cotidiano feminino [Tese]*. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto;1996.

Nakano AMS, Mamede MV. A prática do aleitamento materno em um grupo de mulheres brasileiras: movimento de acomodação e resistência. *Rev. Latino-Am Enfermagem*. 1999; 7(3): 69-76.

Nepp (Núcleo de Estudos das Políticas Públicas). Relatório sobre a situação social do país. Brasil 1987. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1989. 547p.

Orlandi O. Teoria e prática do amor à criança: Introdução à Pediatria Social no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1985.

Osis MJD, Duarte GA, Pádua KS, Hardy E, Sandoval LEM, Bento SF. Aleitamento materno exclusivo entre trabalhadoras com creche no local de trabalho. *Rev Saúde Pública*. 2004; 38(2): 172-9.

Osis MJD. Atenção Integral à Saúde da Mulher, o Conceito e o Programa: História de uma Intervenção. 1994. Dissertação (Mestrado). Campinas: Departamento de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

Pantelides EA, López E. Varones latinoamericanos: Estudios sobre sexualidad y reproducción. Buenos Aires: Paidós; 2005. 331p.

Paula AO, Sartori AL, Martins CA Aleitamento materno: orientações, conhecimento e participação do pai no processo. *Rev. Eletr. Enf*. 2010; 12(3): 464-70.

Piazzalunga CRC, Lamounier JA. O contexto atual do pai na amamentação: uma abordagem qualitativa. *Revista Medicina (Minas Gerais)*. 2011; 21(2): 133-141.

Pinheiro OGO. O sentido das queixas de usuários de um Serviço de Saúde Mental: uma análise discursiva. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 1998.

Pinheiro OGO. Entrevista: uma prática discursiva. In: Spink M J, (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª.ed. São Paulo: Cortez; 2004.p.183-214.

Pisacane A, Continisio GI, Aldinucci M, D'Amora S, Continisio P. A Controlled Trial of the Father's Role in Breastfeeding Promotion. *Pediatrics*. 2005; 116(4): e 494-498.

Pontes CM, Alexandrino AC, Osório MM. O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivo. *Rev Bras Saúde Matern Infant*. 2009; 9(4): 399-408.

Pontes CM, Alexandrino AC, Osório MM. Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos. *J Pediatra (Rio Janeiro)*. 2008; 84(4): 357-364.

Rempel L, Rempel J. The breastfeeding team: the role of involved fathers in the breastfeeding family. *J Hum Lact*. 2011; 27(2): 115-121.

Secretaria Municipal de Saúde (Marília, 2010). Relatório de Gestão - 2010. Marília: Secretaria de Higiene e Saúde; 2010.136 p. Relatório técnico.

Serafim D. Estudo das opiniões do pai sobre o aleitamento materno e sua participação neste processo. *Rev. Bras. Cresc. Desevolv. Hum.* 1999; 9: 9-19.

Silva AAM. Amamentação: fardo ou desejo? Estudo histórico social dos saberes e práticas sobre aleitamento na sociedade brasileira. 302f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social). Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 1990.

Silva IA. A vivência de amamentar para trabalhadoras e estudantes de uma universidade pública. *Rev Bras Enferm.* 2005; 58(6): 641-6.

Silva IA. Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe; 1997.257p.

Silva IA. O profissional re-conhecendo a família como suporte social para a prática do aleitamento materno. *Revista Família, Saúde e Desenvolvimento.* 2001; 3(1): 7-14.

Silva IA. Universidades participaram de mais uma campanha de aleitamento [Internet]. São Paulo. 1999. [citado 2009 dez. 7]. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/rede436.htm#caribe>.

Silva IA, Utiyama SK. Breast-feeding situation among working women, graduate and post-graduate students at a university. *Acta Scientiarum - Health Science.* 2003; 25(2): 215-225.

Silveira FJF, Lamounier JA. Fatores associados à duração do aleitamento materno em três municípios na região do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2006; 22(1): 69-77.

Silveira IP, Campos ACS, Mello MS, Fernandes AFC. A percepção do pai frente ao nascimento do filho. *Rev RENE.* Jul-Dez. 2004; 5(2): 23-27.

Susin LRO, Giugliani ERJ, Kummer SC. Influência das avós na prática do aleitamento materno. *Rev. Saúde Pública* [serial on the Internet]. 2005 Apr [cited 2012 June 23]; 39(2): 141-147. Available from: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000200001&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000200001>.

Shimoda GT, Silva IA. Necessidades de saúde de mulheres em processo de amamentação. *Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso).* 2010; 63(1): 58-65.

Spink MJ. Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano. Livro eletrônico. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

Spink MJP, Gimenes MGG. Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. *Saúde e Sociedade.* 1994; 3: 149-171.

Spink MJ, Frezza RM. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.p.17-39.

Spink MJ, Medrado B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico- prática para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.p.41- 61.

Spink MJ, Menegon VM. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.p.215- 241.

Teixeira SF, Mendonça MH. Reforma Sanitária na Itália e no Brasil: Comparações. In Teixeira, S.F. (org). Reforma Sanitária - em busca de uma teoria. São Paulo: Cortez/Abrasco, 1989.

Tyrrell MAR, Carvalho V. Programas nacionais de saúde materno-infantil: impacto político-social e inserção da enfermagem. 1995. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Escola Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

Venâncio SI. Dificuldades para o estabelecimento da amamentação: o papel das práticas assistenciais das maternidades. J Pediatría (R J). 2003; 79:1-2.

Venâncio SI, [Escuder MML](#), [Saldiva SRDM](#), Giugliani ERJ. A prática do aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal: situação atual e avanços. Jornal de Pediatria (Impresso). 2010; 86: 317-324.

Victora CG, Vaughan JP, Lombardi C, Fuchs SMC, Gigante LP, Smith PG *et al*. Evidence for protection by breastfeeding against infant deaths from infectious diseases in Brazil. Lancet. 1987; 2: 319-22.

APENDICE A
FORMULÁRIO: ROTEIRO DA ENTREVISTA

**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a
produção de sentidos**

Parte I

Identificação da Mãe:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ Data nascimento: ____/____/____

Estado civil: () casada () solteira () viúva () separada.

Escolaridade:

- () Analfabeto () Nível Superior Incompleto
() 1.º Grau Incompleto () Nível Superior Completo
() 1.º Grau Completo () Nível Superior Pós-Graduação
() 2.º Grau Incompleto () 2.º Grau Completo

Sua gravidez foi planejada? Sim () Não ()

Dados Obstétricos - Número de filhos tidos: _____

Gestação e Parto (Refere-se às características da gestação e do parto que deram origem à criança em questão)

Duração da gestação: _____ Tipo de Parto: _____

Tipo da gravidez: _____ N.º de consultas de pré-natal: _____

Identificação da Criança:

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: F () M () Peso ao nascer: _____

Performance de sua amamentação atual:

AME () AMP () AM ()

APENDICE A
FORMULÁRIO: ROTEIRO DA ENTREVISTA

**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a
produção de sentidos**

Parte II

Identificação do Homem:

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Estado civil: () casado () solteiro () viúvo () separado.

Religião: _____

Escolaridade:

- () Analfabeto () Nível Superior Incompleto
() 1.º Grau Incompleto () Nível Superior Completo
() 1.º Grau Completo () Nível Superior Pós-Graduação
() 2.º Grau Incompleto () 2.º Grau Completo

Condições socioeconômicas:

Ocupação: _____

Local de Trabalho: _____

Horário de Trabalho: _____

Tipo de Empresa e Porte

Tipo de Empresa Porte

- () Serviço () Microempresa
() Comércio () Pequena empresa
() Indústria () Média empresa
() Público () Grande empresa

Renda familiar (valor em salários mínimos): _____

Você costuma acompanhar sua esposa nos atendimentos voltados para a nutriz? Como?

a) Nas consultas médicas na UBS ou PSF () Sim () Não

b) Nas consultas médicas em consultório convênio/ particular () Sim () Não

Em relação ao aleitamento materno:

Você já teve alguma experiência anterior relacionada à amamentação com outros filhos,?

Sim () Não ()

Você já teve alguma experiência anterior relacionada à amamentação com pessoas da comunidade ou familiares? Sim () Não ()

O que você pensa sobre o aleitamento materno: _____

Questões motivadoras

Poderia me contar como é a sua experiência como homem e parceiro (marido) na vivência do processo de amamentação de seus filhos? _____

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I. Dados de identificação do sujeito da pesquisa

Nome: _____

Documento de Identidade N.º _____ **Sexo:** _____

Endereço: _____ **Bairro:** _____ **Cidade:** _____ **Estado:** _____

CEP _____ **Fone:** _____

II. Dados sobre a pesquisa científica/pesquisador

Título do Projeto: A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a produção de sentidos

Pesquisador: Tereza Lais Menegucci Zutin **COREn** –SP-38876

Cargo/função: Coordenadora do Curso de Enfermagem

Instituição: Universidade de Marília – UNIMAR

Endereço: Rua Cel. José Brás, 1495, Salgado Filho - Marília-SP.

CEP 17.502.010 **Fone:** (14) 3413-4170 **E-mail:** enfermagem.lais@unimar.br

III. Avaliação do risco da pesquisa

(x) Sem risco: aquela em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação nas variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais do indivíduo, tais como entrevistas e questionários.

() Com risco mínimo: aquela em que se empregam registros de dados por meio de procedimentos propedêuticos ou terapêuticos de rotina.

() Com risco maior que o mínimo: aquela em que há probabilidade de afetar o indivíduo de forma significativa seja por danos físicos ou morais, tais como uso de medicamentos não reconhecidos, procedimentos invasivos, placebos, dentre outros.

Explicar: A pesquisa será sem risco, pois não haverá nenhuma intervenção, será aplicado apenas um questionário a uma população adulta.

IV. TEXTO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Tereza Lais Menegucci Zutin, enfermeira (COREn 38876) e Isilia Aparecida Silva estamos realizando a pesquisa “**A posição do homem no processo de amamentação: um ensaio sobre a produção de sentidos**”. Esta pesquisa será muito importante, pois contribuirá para o conhecimento e compreensão do papel do homem no processo de aleitamento materno de seu filho, dentro de um

contexto social. Para tanto solicitamos sua autorização para participar desta pesquisa e também para gravar a entrevista.

Tendo recebido as informações acima e ciente dos meus direitos abaixo relacionados:

- 1) A segurança de que não serei identificado em nenhuma fase desta pesquisa e que será mantido o caráter confidencial da informação.
- 2) A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e/ou outros relacionados com a pesquisa.
- 3) A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isso me traga prejuízos.
- 4) A segurança de que a minha participação não trará qualquer prejuízo a mim.
- 5) As informações sobre os resultados do estudo quando solicitado.

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador, consinto em participar na amostragem do projeto de pesquisa em questão, por livre vontade sem que tenha sido submetido a qualquer tipo de pressão.

Tenho consciência do exposto acima, desejo participar da pesquisa.

Marília, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do entrevistado

Tereza Lais Menegucci Zutin

Fone: (14)3413-4170

E-mail: enfermagem.lais@unimar.br

Prof.^a Dr.^a Isilia Aparecida Silva

Fone (11)30617533

E-mail: isasilva@usp.br

ANEXO A
CARTA DE APROVAÇÃO DO CEP

Universidade de Marília

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE MARÍLIA - SP
CEP - UNIMAR

RESOLUÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Marília (CEP – UNIMAR) que é reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/CNS/MS), sob o registro n.º 25000.007064/2007-47 de 18/01/2007, revalidado sob o registro n.º 25000.113733/2010-14 de 05/07/2010 analisou o Projeto de Pesquisa com protocolo n.º 293, intitulado:

“A PERCEPÇÃO DO HOMEM NO CONTEXTO DA AMAMENTAÇÃO”

Projeto apresentado ao Programa Interunidades de Doutorado de
Enfermagem da Universidade de São Paulo e Escola de Enfermagem de Ribeirão
Preto da Universidade de São Paulo

Pesquisador Responsável: Profa. Tereza Laís Menegucci Zutin

Orientadora: Profª Drª Isília Aparecida Silva

Este Projeto de Pesquisa foi **APROVADO**, seguindo as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais especialmente as Resoluções n.º 196/96 e Complementares do Conselho Nacional de Saúde. O Projeto de Pesquisa poderá ser iniciado, e toda e qualquer alteração no projeto deverá ser comunicada ao CEP - UNIMAR.

Marília, 26 de Agosto de 2010.

Dr. Wandercy Bergamo – CREMESP 11.860

Coordenador do CEP – UNIMAR

ANEXO B

QUADROS DAS CATEGORIAS DESCRITIVAS

QUADRO 1A

A posição do homem no processo de amamentação

Trecho da entrevista de Luís

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L. 4. É algo muito importante [...].</p> <p>L.12/13. No acompanhamento do dia a dia, a gente vê as dificuldades da esposa em relação à amamentação, podendo estar como companheiro, auxiliando [...].</p> <p>L17/18. [...] como nós trabalhamos em casa, tem algumas dificuldades, a gente tem que estar adequando os espaços de tempo para amamentação.</p>	<p>L.7/8/9. [...] Para mim é muito bom estar podendo acompanhar, já que nos dois primeiros eu não tive oportunidade. O trabalho não proporcionava esse tempo e, já no terceiro eu venho tendo esse tempo e, é muito bom.</p>	<p>L.4/5/6/7. [...] com os dois primeiros eu não tive um acompanhamento muito próximo. Eu venho tendo uma experiência maior com o terceiro filho, que é a menina [...].</p>

L.22/23. Então está conciliando o trabalho e a obrigação dela de mãe em relação à amamentação.

L.28/29/30. [...] porque a gente está bem próximo, então pode auxiliar a esposa. Então, podendo auxiliar, sobra mais tempo para ela, para fazer a amamentação da criança.

L.35/36/37. É muito gratificante [...] um sentimento muito bom, estar próximo à família, dos filhos. É uma coisa muito importante. É muito gratificante mesmo.

L.86/87/88/89. No início a criança é novinha, então a gente vê essa necessidade. Mas em alguns momentos incomoda porque é a noite toda. A gente talvez não tenha todo aquele conhecimento, aquela experiência [...].

L.32/33. [...] eu posso estar auxiliando, fazendo alguma tarefa. Como a gente está muito próximo, posso estar fazendo alguma tarefa que seria dela.

L.89/90/91/92/93. [...] mas na minha visão e na dela, é necessário, principalmente para neném, porque ela tinha muito problema para ganhar peso no início. Até hoje ela tem, ela não é totalmente normal, não ganha peso normal igual às outras crianças. Então há necessidade dessa amamentação. É uma

<p>L.141/142/143. [...] é o ideal para um pai, família. Mas é o que eu penso e o que eu sinto ... é muito importante a participação do pai na amamentação, sim.</p>	<p>L.119/120. [...] eu acho que não tem coisa que pague isso, estar presente nos momentos do filho.</p> <p>L.144/145. O que eu percebo é isso, é muito bom o acompanhamento, o auxílio à esposa, à criança que está sendo amamentada.</p> <p>L.147/148/149. [...] é muito bom e gratificante para aquele pai que consegue participar. No meu caso sinto muito gratificado de poder estar participando mais no dia a dia.</p>	<p>necessidade para ela [...].</p>
--	---	------------------------------------

QUADRO 1 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trecho da entrevista de Luís

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.39/40/41/42/43. Esse auxílio é a gente estar olhando a criança... ela tem que fazer alguma tarefa de casa ou em relação ao nosso trabalho mesmo que é em casa, nesses intervalos, em que ela tem que fazer isso, eu estou auxiliando, olhando a criança ... dá uma água, dá um leite. Em relação a isso, poder estar auxiliando mesmo, nesse sentido, estar olhando a criança enquanto ela faz outras tarefas.</p> <p>L.134/135/136/137. A gente estando mais presente verifica as necessidade da esposa, as dificuldades, analisa melhor, vê como pode ser, como pode ajudar e ter uma participação melhor para aliviar o lado da esposa para poder estar auxiliando na educação da criança.</p>	<p>L.33. [...] para ela, nesses momentos, estar fazendo a parte dela como mãe na amamentação.</p> <p>L.51/52/53. [...] agora eu estou tendo um acompanhamento mais próximo, de como é. Estou sentindo as dificuldades dela, quando detectadas essas dificuldades eu sempre que posso, estou auxiliando.</p> <p>L.103/104/105/106/107. [...] o lado afetivo... que como eu disse trabalha fora. Eu amo meus filhos e eu não tive essa oportunidade igual, eu estou tendo dessa terceira. Então essa é a diferença, poder estar junto mais tempo. Então essa afetividade, é totalmente diferente.</p>

QUADRO 1 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trecho da entrevista de Luís

-Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L.61/62/63/64. Olha, tem dificuldades. Mas, como estamos em casa, os dois juntos, então tem essa conciliação, dá para conciliar. A gente supera essas dificuldades, eu auxiliando, às vezes, nos momentos em que ela necessita, no caso das tarefas de casa. Como eu já disse, um auxilia o outro.</p> <p>L.113/114/115/116/117. Tem uma ligação mais forte sim, com a convivência maior. Todo contato que você tem há mais tempo com pessoas torna uma relação afetiva mais forte. O que eu tenho com essa terceira, não deixando de amar os dois primeiros, mais é maior, a atenção e a disponibilidade de tempo que tenho com a terceira é totalmente diferente dos outros dois [...].</p> <p>L.122/123/124/125. Essa afetividade maior, de atenção, de poder estar auxiliando, fazendo o que eu estou fazendo com o terceiro filho agora, isso é o que sinto de negativo para mim, de não poder ter um acompanhamento maior com os outros dois, auxiliar mais [...].</p> <p>L.146/147. [...] tem muita diferença no dia a dia, na afetividade entre o marido e esposa. O próprio filho, a relação afetiva se torna algo muito forte.</p>	<p>L.70/71/72/73/74. Mas é como eu disse, sempre um está se doando mais para o outro. Como eu posso dizer? A gente completa essa necessidade da criança. No meu caso mesmo, eu tenho que olhar. Tem momentos que eu tenho que estar olhando, para ela poder fazer essa amamentação.</p>

QUADRO 2 A

A posição do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Edson

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.9/10. [...] bem interessante, a minha participação nesse processo foi assim, bem de paizão [...].</p>	<p>L.3/4/5. É uma experiência bem diferente do que um homem costuma acompanhar, é uma situação nova para mim. Não estava preparado para conviver com isso [...].</p> <p>L.22/23. [...] é um momento muito especial mesmo [...].</p> <p>L.31/32. [...] amamentado, aquilo toca o coração. A gente fala assim: “Estar aqui com</p>	<p>L.10/11/12/13. [...] de estar acompanhando, sempre observando. Até a minha esposa ficava com vergonha que eu sentava ao lado dela e ficava olhando ele, a pega que eles falam, do bebê pegar o seio, tudo [...].</p> <p>L.19/20/21/22. [...] em determinados momentos, eu, como pai, observava de longe. A gente vê o olhar da mãe com o bebê e você percebe que o bebê também observa a mãe. Então é, sem palavras, uma troca de informações, de comunicação [...].</p>

<p>L. 43/44. [...] eu sou muito mais participativo nesse ponto, eu gosto muito de participar, de estar ali perto [...].</p> <p>L. 94/95/96/97. [...] o homem não tem muita participação física, mas tem a participação psicológica. Eu considero muito isso, porque era como eu participava [...].</p> <p>L.108/109/110. [...] era a minha participação, o meu momento era esse, de realmente estar contribuindo nesse sentido, já que eu não podia contribuir de outra maneira [...].</p>	<p>saúde, amamentando, é gratificante” [...].</p> <p>L.120/121. [...] não conseguia dormir de medo de a mãe estar ali amamentando, dormir com ele no braço e deixar cair. Então, eu tinha muito medo disso [...].</p> <p>L.136/137/138. [...] vou trabalhar cansado no outro dia, mas eu não tinha do que reclamar. Para mim é satisfação, é gostoso de participar,</p>	<p>L.32/33/34. [...] é um momento assim você se preparada para aquilo. A gente se preparou psicologicamente para isso, realmente se programou [...].</p> <p>L 73/74. [...] se eu ficar falando aqui, ele não vai mamar. Então a gente acabava mais é observando mesmo.</p>
---	---	--

<p>L.287/288. Eu fui acompanhando todos os momentos, bem legal. Fui participativo mesmo [...].</p>	<p>de estar ali ativamente.</p> <p>L.140/141/142/143. De ter o meu papel como pai, estando colaborando [...].</p> <p>L. 323/324/325/326. Não tem. E aí quando você está em casa, preparado para uma situação dessa, você tem calma, tranquilidade de raciocinar, como que você vai agir, a maneira que vai refletir[...].</p>	<p>L. 328/329/330/331. É um momento que foge a toda explicação. A gente, como homem, deixa de ver a mulher como aquela sua companheira de quarto, você passa a ver ela como a mãe do seu filho, é bem diferente.</p>
---	---	---

QUADRO 2 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trecho da entrevista de Edson

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.38/39. [...] eu acho a coisa mais linda aquele momento...</p> <p>L.49/50. Estava sempre perguntando, o que ela estava sentindo, o que estava acontecendo, como que estava sempre e observando e questionando bastante [...].</p> <p>L. 57/58/. [...] porque eu também procurei dar mais tranquilidade para ela nesse ponto, de que estava tudo bem, não tinha nada de diferente [...].</p> <p>L. 96/97/98/99. [...] eu fazia questão de madrugada, buscar o Júnior. Não teve uma noite que eu não levantasse para buscar ele para amamentar. Para mim não importava se era meia-noite que tinha que mamar, 1 hora, 2 horas [...].</p> <p>L. 106/107. [...] a partir do momento que eu chegava em casa, fazia questão de buscar no berço, de levar para ela, posicionar, deixar tudo pronto para ela.</p> <p>L. 114/115. [...] condições para que tudo corresse em perfeito estado.</p> <p>L. 117/118. Apoio moral, porque não é fácil você acordar às 2, 3 horas da</p>	<p>L. 112/113/114/115. Eu acho assim, às vezes, eu possa ter contribuído na parte psicológica, dando apoio, condições para que tudo corresse em perfeito estado [...].</p>

manhã e dar o bebê para a mãe [...].

L.123/124. [...] meu apoio, o máximo que eu podia dar é tentando vigiar um pouco de vigília, para tudo correr bem, estar tudo certo [...].

L.181/182/183. [...] ele está saindo do seio já, é na mamadeira. Então eu deito ele ali, fico olhando ele mamando. Daí ele põe a mãozinha na minha mão [...].

L.183/184/185. [...] gente percebe que parece que ele está olhando, falando assim: “Nossa, essa mão é tão grande, tão maior que a minha”. Você percebe que o contato dele comigo hoje, é bem gostoso.

L. 236/237/238/239/240. [...] mas eu gostaria de ter passado mais tempo. Não é só pelo fato de estar em casa, mas de estar participando, convivendo. É gostoso você, 3 - 4 dias ali, poder pegar o bebê, dá um banho, acabou de amamentar, você põe ele ali no berço é muito gostoso, muito bom mesmo.

QUADRO 2 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trecho da entrevista de Edson

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L.164/165/166/167/168. [...] homem que não aceita muito fala assim: “Ah, a cama é minha, é aqui que eu durmo, as crianças que durmam lá no berço, aqui não é lugar deles”. Eu já penso ao contrário, primeiro penso neles, ter o conforto e a tranquilidade para eles, depois eu penso em mim e na esposa.</p> <p>L. 170/171/172/173/174/175/176/177/178. Com a esposa, eu tenho tranquilidade quanto a isso. Eu nunca me preocupei não. É um momento de adaptação. A gente, como homem e esposa, tem uma vida conjugal e, quando vem o bebê você tem que abrir mão e estar preparado para esse momento. Você tem que pensar que aquele</p>	<p>L.63/64/65. [...] você tem que ser forte, tem que ter orientação. Minha sogra conversou muito comigo, minha mãe [...].</p> <p>L.144/145/146. [...] a vida não é fácil, eu trabalho, ela trabalha. Então aquele momento, o máximo que eu posso contribuir, eu contribuo. Então eu tendo a oportunidade, eu estou ali participando [...].</p> <p>L.147/148/149. [...] recentemente, que ele já estava dormindo com a gente na cama. Então, às vezes, eu até abria mão de deitar na cama para ele e ela dormissem mais tranquilo, mais aliviados. Daí eu ia para sala dormir ou então pegava o colchão [...].</p>

momento é momentâneo. Ela está preparada para aquilo e você não. Ela não te colocou de lado é que naquele momento aquele ser está indefeso. Ele precisa de mais atenção, precisa de mais cuidados [...].

L. 191/192/193. Ternura, aquele contato ternura, que se dá o dedinho para ele, ele aperta, daí você aperta o dedinho dele, ele aperta o seu dedinho de novo.

L.219/220/221/222. [...] é muito importante esse momento. Depende muito da família, de todas as pessoas que estão em torno do bebê, porque quando é uma família calma, tranqüila, o bebê também vai ser tranqüilo.

L.293/294. [...] eu sempre priorizo a família. Isso é muito importante.

L.227/228/229/230. Algumas pessoas costumam falar: “Nossa, mas vocês foram abençoados, porque não dá trabalho?”. Eu falo assim: “Olha, não dá, ele chora porque quer mamar, está com calor, com a fraudinha suja”.

L. 298/299/300/301/302/303. [...] as famílias não têm essa programação, as pessoas parece que tão largando mão disso, e isso reflete nas crianças. Quando você tem um lar mais tranqüilo e a tranqüilidade não se reflete em questão de dinheiro, não se reflete nisso, a questão que se reflete no amor, respeito, convivência, participação, essas coisas [...].

QUADRO 3 A

A posição do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Guilherme

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.25. Participo todos os dias. A nenê tem quatro meses[...].</p> <p>L.33/34. [...] sempre estou presente. Quando minha esposa dá de mamar para minha filha, eu sempre estou presente.</p> <p>L.43/44/45. A minha participação é passando carinho para minha filha, desde pequenininha. Ela sentindo a presença do pai, eu acho que é muito importante.</p>		<p>L. 4/5/6/7. [...] a convivência do pai com um filho é muito importante, desde o primeiro dia. A mãe começa a amamentar ele [...] o processo de amamentação é muito importante para o bebê.</p> <p>L.47/48/49. [...] não sei explicar, a criança sente, sabe que o pai está ali também, não é só a mãe que está ali amamentando, mas o pai também está ali, ajudando a mãe. Ela sente o carinho do pai também.</p>

L. 72/73. Querendo ou não, o pai sofre também ... porque não é fácil, tem hora que é complicado, ainda mais com duas. Aí, tem que ajuda a mãe ... corre aqui, corre ali [...].

L.116/117. Assim é, sentir falta de dormir com a minha esposa eu sinto, mais eu dou preferência pros meus filhos, entendeu?

QUADRO 3 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Guilherme

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L. 51/52. [...] ajudando em tudo, no amor. O amor é o mais importante. A criança, querendo ou não, sente se tem amor por ela.</p> <p>L. 77/78/79. Tem hora que a mãe está fazendo uma coisa, tem que ficar enganando um pouco até a mãe chegar para dá o peito. A minha participação é essa.</p> <p>L. 81/82/83. [...] estar sempre ajudando. Acho que o pai tem que estar sempre ajudando a esposa. Em todos os momentos que eu puder ajudar, vou ajudar, com certeza.</p> <p>L.96/97. De madrugada é a hora que o pai descansa um pouco e deixa o serviço para mãe.</p> <p>L.101/102/103/104. [...] faço janta, fico com as crianças, tudo isso. Então, além de ajudar como pai, nos outros sentidos, no financeiro, também é no amor, no trabalho da casa.</p>	

QUADRO 3 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Guilherme

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L.113/114. Atrapalha um pouco, porque você está acostumado a dormir com a sua companheira. Mas, em primeiro lugar são os filhos.</p> <p>L.116/117. Eu sinto falta de dormir com a minha esposa. Mas, dou preferência pros meus filhos.</p>	<p>L.119/120/121. Eu não vou deixar de ficar ali e deixar a nenê. Ela fica levantando para pegar ela do berço e colocando, levantando, então ela já fica direto na cama, para dar menos cansaço.</p>

QUADRO 4 A

**A posição do homem no processo de amamentação
Trechos da entrevista de Rafael**

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.53. [...] estar presente junto com ela.</p> <p>L.104/105. [...] como pai eu gosto de acompanhar [...].</p>	<p>L.24/25/26/27. Você sabe, cuidar, olhar, de uma responsabilidade maior ainda que você tem um filho . Que não é enquanto ser o filho de outra pessoa, você está vendo, você vai aprendendo [...].</p> <p>L. 32/33/34/35. Responsabilidade maior que eu falo é saber cuidar, olhar a criança, ficar preocupado. Qualquer coisinha já estou preocupado.</p>	<p>L. 9/10. [...] gosto de acompanhar, sim. A primeira coisa é a amamentação da criança [...].</p> <p>L.125/126. [...] quando eu estou aqui, sempre eu gosto de participar das coisas, amamentação, de trocar, dar banho, estar junto em tudo [...].</p>

QUADRO 4 B

As ações do homem no processo de amamentação
Trechos da entrevista de Rafael

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.7/8/9. [...] ela também está dormindo, daí às vezes eu acordo porque já sei a hora que ela quer mamar também [...].</p> <p>L. 16/17/18/19/20. Daí eu fico mais preocupado com isso, às vezes, ela vai comer uma coisa e eu falo assim: “Não, não come isso porque depois pode fazer algum problema para nenê”. Eu gosto de ficar evitando essas coisas para ela comer, para não fazer mal para criança [...].</p> <p>L. 45/46. [...] eu fico olhando, às vezes, ela quer mamar, eu vou lá e pego, levo para mãe dela [...].</p> <p>L. 95/96/97/98. [...] no começo, eu acordava porque fica muito preocupado. Às vezes, minha namorada estava dormindo e eu olho no berço ela está acordada. Vou lá no berço, pego, coloco na cama para dar mamar.</p> <p>L. 105/106/107. [...] dar banho, trocar, eu não me incomodo. Porque não tem o porquê se incomodar.</p> <p>L. 133/134/135/136/137. [...] ela começô a tomar aguinha. Ainda eu não dava porque ela não estava acostumada a tomar na mamadeira. Se tiver que tirá o biquinho, daí eu já não faço porque eu tenho medo. Daí a mãe dela faz já que eu não faço, por enquanto.</p>	

QUADRO 4 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Rafael

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L. 111/112/113/114. [...] esses tempo ela estava com cólica, daí ela acordou às 3h e 30 min e foi dormir, acho, que às 6h. Fiquei até esse horário acordado, eu e a mãe. Até minha mãe levantou, ficou um pouco, daí falei para minha mãe: “Pode ir dormir, que eu fico acordado aqui”.</p>	<p>L. 119/120/121. Eu penso que é uma coisa que a gente tem que dar valor. Eu gosto de dar valor às coisas que são minhas. É minha filha e eu tenho de fazer de tudo para ela [...].</p>

QUADRO 5 A

A posição do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Pedro

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.4. Foi um aprendizado, uma experiência [...]</p> <p>L.6/7. [...] acompanhei minha esposa, minha filha ao materno, para ajudar, ver como que é o processo de tirar o leite.</p>	<p>L.63. Bom demais.</p>	<p>L.18/19/20/21. Porque eu tive essa experiência, eu mamei até os dois anos de idade. Graças a Deus tenho uma saúde boa, ótima. Então eu sempre tive esse pensamento de que a amamentação é importante para ajudar na saúde, desenvolvimento.</p> <p>L.55. [...] eu tive essa experiência e foi bom.</p>

QUADRO 5 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Pedro

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.28/29/30/31/32/33/34/35. A noite ela resmunga para mamar, daí eu levanto, pego e coloco ela na posição para mamar. Toda noite ela dorme no berço, daí quando demora um pouco, ela chora para mamar. Minha esposa pede para eu levantar, pegar ela... Eu pego e coloco para mamar. Eu que acerto a posição, se não está certo a minha esposa fala: “Põe a nenê certinho para mamar”. E, eu coloco na posição certa. Daí ela mama e eu coloco de volta no berço. Daí a pouco acorda de novo para amamentar. E isso é desde quando começou sair o leite, após os três dias dela [...].</p>	

QUADRO 5 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Pedro

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L.7/8/9/10. [...] também teve muitas barreiras. Minha sogra não queria no começo que minha mulher amamentasse. Queria que amamentasse só até os dois meses.</p> <p>L.55/56/57. [...] minha mãe quando eu ia mamar já grande, até achava feio também. Mas, hoje ela vê o quanto foi importante ter me amamentado até os dois anos.</p> <p>L. 63/64. [...] graças a Deus ela é bem apegada a mim. Ela é bem família, apegada a mim, a minha esposa [...].</p>	<p>L.12/13/14/15/16/17. Ela (sogra) falou que até os dois meses estava bom para amamentar ela. Porque ela tinha que volta a trabalhar, então era melhor até para nenê não sofrer depois. Porque tinha que deixar ela no parque, e para ela não sofrer no parque por causa do peito.</p> <p>L.51/52/ 53. [...] para ela eu (a sogra) não falava nada. Eu só escutava e depois falava para minha mulher, que o importante era ela amamentar mais, o tempo que tiver leite [...].</p>

QUADRO 6 A

A posição do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Caetano

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.3/4. Eu gostaria de participar muito mais do que estou participando nesse momento [...].</p> <p>L.6/7/8/9. Mas eu não estou participando da maneira como eu gostaria, principalmente em virtude das atividades relacionadas ao trabalho, que acabam sendo acumulado com as atividades da faculdade, dos estudos. Então, acabo participando bem menos do que eu gostaria.</p>	<p>L.17/18/19. [...] fica um pouco apreensivo não estando próximo, no sentido de imaginar que talvez a criança estivesse com alguma necessidade, a certeza que está sendo realizado a amamentação [...].</p>	<p>L.15/16/17. [...] pelo menos estar acompanhando o momento, se certificando de fato que a amamentação está sendo feita, apesar de confiar muito na Ana [...].</p> <p>L.20/21/22, [...] eu tenho aquela preocupação justamente por não estar presente, de observar.</p>

L. 42/43/44/45/46/47/48/49. [...] mais na condição de observador. Eu fico um pouco com receio de ter um contato muito próximo, físico, inclusive com a criança no momento da amamentação. Na realidade, com receio de que ela pare de amamentar, de ser amamentada naquela hora. De repente eu fazer alguma brincadeira com ela, como já aconteceu, inclusive de brincar com ela no momento da amamentação e parar de amamentá. Ela fica talvez mais interessada com a brincadeira ou se irrita e isso causa um pouco de receio. Então, fico mais na condição de observador mesmo.

L.34. Eu sinto um pouco por não estar presente nesses momentos [...].

Você fica imaginando ... mas talvez, será que não seria o momento de estar amamentando?

L.28/29/30/31/32/33/34. Acompanhar todo esse processo, mesmo porque a gente, em função das coisas que acaba conhecendo, sabendo da importância da amamentação, como que é a construção do afeto, o próprio desenvolvimento da condição física da criança. Sabendo que a amamentação tem toda essa importância, o fato de estar presente, observando essa evolução seria muito importante [...].

L.51/52/53/54. [...] eu fazer uma brincadeira

<p>L.58/61. [...] fico na condição de observador. Observando, principalmente detalhes do comportamento, da mão dela acariciando a Ana. A minha esposa fazendo carinho nela, arrumando a melhor posição do peito para melhorar a amamentação.</p> <p>L.63. Na condição mais de curioso.</p> <p>L.113/114/115/116/117. Fica, sim. Mas, por outro lado, também imagino que a justificativa de não estar presente, também seja bastante razoável e válida ... pelo fato de estar podendo propiciar, tanto para Ana, enquanto mãe, tanto para ela (filha), uma condição melhor no futuro. O fato de não estar presente está diretamente ligada ao fato de estar trabalhando, estudando[...].</p>	<p>L.111. Fica um pouco, sim, sentimento de culpa.</p>	<p>com ela, e ela para de amamentar. Ela para de realizar a atividadezinha de sugar, de mamar e fica toda irritadinha comigo. E algumas vezes ela fica mais interessada na brincadeira [...].</p>
--	---	---

QUADRO 6 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Caetano

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.86. L: Você acorda a noite?</p> <p>L.87. P: Não</p> <p>L.91/92/93. Ou quando eu já estou acordado. O que é muito comum, na madrugada eu estar estudando, alguma coisa assim e abrir a porta do quarto e observar as duas dormindo [...].</p>	

QUADRO 6 C**As relações familiares no processo de amamentação****Trechos da entrevista de Caetano**

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
	L.118/119/120/121. Então vem aquela sensação de culpa. Mas, por outro lado, é uma culpa que, se pensar um pouquinho, ela até acaba me perdoando. Mas se possível, eu gostaria de estar acompanhando mais e, sempre que posso, estou presente.

QUADRO 7 A

A posição do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Alberto

- Como ele se posiciona	- Como ele se sente	- Como ele explica
<p>L.3/4/5/6/7. Eu sempre fui participativo. Sempre participei da amamentação, desde quando nasceu, acordava junto, pegava a perninha dele para ficar segurando, mesmo que não influenciasse em nada, eu estava ali do lado. Justamente para dar um apoio para ele e para minha esposa também. Era o primeiro (filho) e ela sempre se sentiu insegura [...].</p>	<p>L.8/9/10. Eu também, apesar de estar inseguro, eu precisava ajudar de alguma forma. Ficava lá acordado. Sempre acordei e incentivei. Todos incentivaram a amamentação</p> <p>L.59/60. [...] e eu tenho orgulho dela ser assim. Porém tem hora que a gente fica meio com ciúmes, fica de lado [...].</p>	<p>L.61/62/63/64/65/66. E fica de lado mesmo. Por exemplo, ontem, mesmo, ela fez o papazinho dele. Ela fez uma polenta e eu sou apaixonado por polenta, mas ela fez uma panelinha desse tamanho. Falei: “Você só fez para ele?”. Ela: “Ah, você não</p>

<p>L.94 / 95. Olha, eu fazia só isso, ficava do lado dela só para ela não dormir mesmo. Ficava conversando. Eu também tinha que acordar cedo de manhã. Então, minha participação não foi tão grande.</p>	<p>L. 98/99/100. Às vezes eu acho que ele nem sabe que eu sou o pai dele, porque ele só quer ela [...].</p>	<p>gosta... amanhã eu faço”. Quer dizer, coisinha assim, pequeninhas, a gente acaba sendo excluído e, quem não gosta de atenção? [...].</p> <p>L. 67/68/69/70. [...] mas não está 100% não. Mas, eu ainda prefiro que seja assim, que ela dê 100% de atenção até ele ser um menino maior. Porque, pelo menos, ele cresce. Se você ver ele, é a coisa mais linda do mundo, é um menino forte, seguro [...].</p> <p>L.83/84/85/86. Mas assim, eu acredito que é tudo por causa da amamentação. Porque, se ela não o amamentasse, muito desses problemas não teriam. Porque, se der a mamadeira, acaba a situação. Mas a saúde da criança que é em primeiro lugar.</p> <p>L. 100/101. [...] é impressionante, quando eu estou sozinho com ele e ela aponta na porta, ele fica desesperado, me esquece totalmente [...].</p>
---	--	---

QUADRO 7 B

As ações do homem no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Alberto

- O que ele faz?	- Como percebe a repercussão do que faz?
<p>L.17/18. [...] sempre que ele chora, eu acordo para ver se está tudo certo. Então, eu apoio 100% a amamentação.</p> <p>L. 38/39. Fazendo o arroz, comida, a louça e lavava o quintal. Mas, a casa e roupa eu nunca mexi [...].</p> <p>L.82/83. [...] um dia pego duas pecinha de roupa para passar, outro dia eu limpo a louça, faço comida e a gente vai se organizando [...].</p> <p>L. 95/96/97/98. [...] só no psicológico mesmo, quando eu sentava ao lado dela e ficava olhando, conversando. Porque não tinha muito que fazer. E outra, só ela resolve o problema de um choro. Eu posso acordá à noite, mas se ela não acordá e pegá, ele não para [...].</p>	<p>L.79. [...] apesar de eu ajudar em casa, não é igual ela [...].</p>

QUADRO 7 C

As relações familiares no processo de amamentação

Trechos da entrevista de Alberto

- Como descreve as relações	- O que fazem as pessoas
<p>L.12/13/14/15. [...] apesar das nossas vidas ter complicado um pouco, mas isso daqui a gente consegue esperar. Algumas coisas a gente espera para dar prioridade a quem está precisando naquele momento [...].</p> <p>L. 27/28/29/30/31/32. Aí, o que acontece? A gente é homem, é complicado. A gente quer associar a relação, as coisas íntimas e não consegue, por quê?.Porque ela não tem cabeça e, não tem mesmo. A gente tem que pensar um pouquinho, às vezes a gente cobrava, brigava com ela, mas depois a gente pensava: “Poxa, realmente a gente via que ele sugava ela muito, ainda suga um pouco, mas sugava demais”.</p> <p>L. 33. Isso começou atrapalhar um pouco minha vida particular com ela, sim.</p>	<p>L. 33/34/35/36/37. [...] porque ela não dormia, ela ficava mal humorada depois. Aí as coisas de casa, que a gente não tem empregada, ficava meio abandonado e eu sou enjoadíssimo para casa suja, roupa suja, louça suja.Então eu ajudava como podia.</p> <p>L.40/41/42. E ela não conseguia fazer tudo, não conseguia dar conta de tudo, ou seja, ela não estava nem fazendo o serviço de casa, nem o papel de mulher. Só tava cuidando dele[...].</p>
<p>L. 43/44/45. E nisso, começamos a ter atrito. Ficamos bem feio.</p>	

Chegamos quase separar uma época. Eu falei: “Não dá”. Graças a Deus, meu pai e minha mãe, a gente conversou: “Alberto, não é assim, tal, tal, tal [...]”.

L.49/50/51/52/53/54. Ele dorme no mesmo quarto que a gente. Pegou uma grande má mania, que todo mundo falava para gente: “Não coloca ele no meio da cama, não coloca ele para dormir no meio da cama” e, naquele desespero de ficar em cima, ficar olhando para ele, coloca no meio da cama. Um, dois, três dias [...] hoje tem dia que eu não durmo na cama, porque não dá para dormir os três. E ele não sai da cama, se coloca no berço ele não dorme [...].

L.45/46. [...] tive o apoio da família. Espero que consigamos contornar a situação [...].

L.56/57/58. Com certeza, querendo ou não, ele vai procura ela por causa da amamentação. E ela é uma “água”, quando chego perto, ela se derrete e deixa qualquer coisa para ir atrás dele.